



Cira Arqueologia

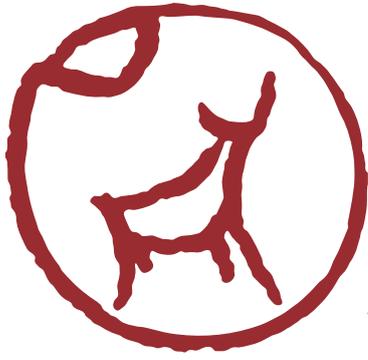
N.º 6



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira



Cira Arqueologia

N.º 6



**Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira**
www.cm-vfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira

Revista Cira Arqueologia n.º 6

O Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira - CEAX, tem vindo a pautar desde a sua criação por uma dinâmica singular, que nos apraz. Essa dinâmica, plasma-se em diversos cenários que não só os costumeiros palcos das poeirentas escavações. Não que estes tenham algo de mal em si, mas importa sublinhar que para além dos imperiosos trabalhos de campo quer em contexto de obras de renovação e a reabilitação do tecido urbano do município Vilafranquense, quer de projetos de investigação, nunca foi descuidado o papel da ciência arqueológica e da Museologia quer no estudo e publicações quer na realização de exposições e ações de divulgação junto dos públicos do Museu Municipal.

O Museu assume assim a sua função, não só de colector passivo de objectos a organizar em tipologias e a arrumar nas prateleiras, mas como agente social, pautando e interagindo com a comunidade. Entendemos assim, o património como recurso singular para a inclusão social e económica das comunidades perante um caminho de desenvolvimento sustentável. Um excelente exemplo desta atuação é o sítio de Monte dos Castelinhos, e suas ruínas romanas de cuja existência e relevância histórica e patrimonial a população tem vindo a assumir e interiorizar com orgulho como suas.

A edição do sexto volume da Revista CIRA Arqueologia é um momento de contentamento, pois vem uma vez mais sublinhar o papel da centralidade do território de Vila Franca de Xira, no quadro do Vale do Tejo e da península de Lisboa. Com os seus onze artigos e mais de duzentas páginas de produção de conhecimento, confirmam a aposta do Município nesta publicação e é a prova que também em meio autárquico é possível trabalhar em prol da ciência.

A VEREADORA DA CULTURA

MANUELA RALHA

Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Rua Serpa Pinto, 65
2600-263 Vila Franca de Xira
Tel.: 263 280 350

museumunicipalvfxira@cm-vfxira.pt
www.museumunicipalvfxira.pt
www.cm-vfxira.pt

➤ A Eira da Alorna (Almeirim): as ocupações pré e proto-históricas¹

JOÃO PIMENTA

CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE VILA FRANCA DE XIRA – CEAX; UNIARQ (CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA).

ELISA DE SOUSA

UNIARQ (CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA). FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA.

HENRIQUE MENDES

CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE VILA FRANCA DE XIRA – CEAX; UNIARQ (CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA).

EURICO HENRIQUES

ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO E CULTURAL DO CONCELHO DE ALMEIRIM.

ANA MARGARIDA ARRUDA

UNIARQ (CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA). FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA.

RESUMO

A intensidade dos trabalhos agrícolas levados a efeito, desde há longas décadas, na Eira da Alorna, em Almeirim, tem contribuído para a destruição de este importante sítio arqueológico. O estudo dos abundantes materiais recuperados à superfície que aqui apresentamos, e que resultam de recolhas feitas por equipas distintas e em contextos diversos, permitiu compreender não só a sua importância, mas também a sua longa diacronia de ocupação. Grupos humanos do Calcolítico terão sido os primeiros a instalar-se neste local, o que ficou evidenciado pelas cerâmicas campaniformes presentes no conjunto, mas a importância da instalação das comunidades das Idades do Bronze e do Ferro é assinalável, a avaliar pelo número de peças e pela diversidade dos tipos e das categorias representadas. A Eira da Alorna mereceu também ser avaliada, devidamente, no seu contexto regional, uma vez que se insere numa rede de povoamento, densa e contínua, que se implantou na margem esquerda do rio, e que com ele manteve uma relação privilegiada.

ABSTRACT

The development and intensity of agriculture in Eira da Alorna, Almeirim, has contributed to the destruction of this important archaeological site. The study of the many artifacts recovered on its surface that we present, retrieved by different teams and in different contexts, allowed us to understand not only its importance, but also the long diachrony of its human occupation. Chalcolithic human groups will have been the first to settle in this site, which was evidenced by the bell-beaker ceramics, but the importance of the occupation during the Bronze and Iron Age is remarkable, if we take in account the number of fragments and the diversity of types and categories presented. Eira da Alorna also deserves to be evaluated in its regional context, since it forms part of a dense and continuous settlement network which was established on the left bank of the river and with which it maintained a privileged relationship.

¹ Trabalho realizado no âmbito do Projecto Fenícios no Estuário do Tejo (FCT PTDC/EPH-ARQ/4901/2012).

1. Introdução

O sítio arqueológico da Eira da Alorna, Almeirim (Figura 1), corresponde ao CNS N.º 2165. Situa-se num amplo terraço quaternário do Tejo sobre uma curva da vala de Alpiarça, mesmo em frente à cidade de Santarém, gozando de uma ampla visibilidade sobre o planalto da Alcáçova medieval.

As mais antigas referências a uma eventual ocupação proto-histórica deste sítio remontam aos anos setenta, quando Schubart (1971, p. 166), no âmbito de um trabalho de revisão sobre a cerâmica da Idade do Bronze tardio, refere a existência de materiais com esta proveniência depositados no Museu Nacional de Arqueologia, nomeadamente um vaso completo com asa e acabamento cuidado, recolhido em circunstâncias desconhecidas².

Posteriormente, Gustavo Marques e Gil Migueis de Andrade mencionam a Eira da Alorna, atribuindo-lhe o n.º 51 da lista de sítios inseridos no seu questionável conceito de cultura de Alpiarça (Marques e Andrade, 1974).

Nos anos oitenta do século passado, e no contexto do levantamento da Carta Arqueológica do concelho de Almeirim, o sítio é uma vez mais referenciado e inventariado, tendo sido reconhecidas, pela primeira vez, ocupações pré-históricas e romanas, para além da da Idade do Bronze (Henriques, 1982 e 1987).

As prospecções que José Quinteira realiza no local, no âmbito da sua dissertação de mestrado sobre o povoamento romano na área da cidade de *Scallabis*, permitem-no inventariar a jazida como *Villa Romana* (Quinteira, 1996, p. 113 e 114).

A ponta de lança em liga de cobre aqui recolhida no decorrer de trabalhos agrícolas, que se insere dentro da “família” das pontas de lança com alvado e nervura central, foi publicada em 2015 (Soares *et al.*, 2015), sendo claro, de acordo com o estudo exaustivo efectuado por Cardoso *et al.* sobre as diversas tipologias desta categoria de artefacto (1992), que cabe no tipo Baiões, devendo a sua cronologia oscilar entre os finais da Idade do Bronze e a 1.ª Idade do Ferro.

Recentemente, o sítio de Eira da Alorna, ainda que mencionado como Quinta da Alorna, foi referenciado no âmbito da revisão do estado da arte sobre a Idade do Bronze Final no longo do vale do Tejo, sendo sugerida a existência de uma necrópole de incineração no local (Vilça e Cardoso, 2017, p. 259), interpretação que muito deve à existência do vaso depositado no Museu Nacional de Arqueologia mencionado por Schubart, em 1971, e já acima referido.

Desde os anos oitenta do século XX que a Associação de Defesa do Património Histórico e Cultural do Concelho de Almeirim tem desenvolvido um papel relevante na recolha e inventariação dos mais remotos vestígios de ocupação do seu território, entre os quais se contam os da Eira da Alorna. A frutífera colaboração recente de um dos signatários (J.P.) com esta instituição tem conduzido ao estudo e à divulgação das ricas coleções depositadas quer no Museu da Associação de Defesa do Património Histórico e Cultural, quer no Museu Municipal de Almeirim (Pimenta *et al.*, 2012).

Apesar de, como vimos, a riqueza arqueológica e a sua longa diacronia de ocupação terem sido reconhecidas e assinaladas desde cedo, nunca houve no local qualquer intervenção arqueológica devidamente organizada que visasse o seu estudo integrado, que, assim, tarda em ser efectuado. Paralelamente, mantém-se a intensa exploração agrícola do local, com as consequentes destruições de um rico e diversificado património arqueológico.

² Os autores agradecem ao Dr. António Carvalho, director do Museu Nacional de Arqueologia, todas as facilidades concedidas para o re-estudo desta peça.

Por outro lado, faltava um trabalho de síntese sobre o sítio, que incluísse a totalidade dos materiais da Eira da Alorna e o integrasse devidamente na densa e contínua rede de povoamento da margem esquerda do Tejo, entre Salvaterra de Magos e Alpiarça.

No âmbito do Projecto FETE – Fenícios no Estuário do Tejo, financiado pela FCT (PTDC/EPH-ARQ/4901/2012), efetuou-se um estudo detalhado destes espólios, do qual resulta o presente artigo.



Figura 1
Planta de localização do sítio de Eira da Alorna no mapa da Península Ibérica em geral e do vale do Tejo em particular.

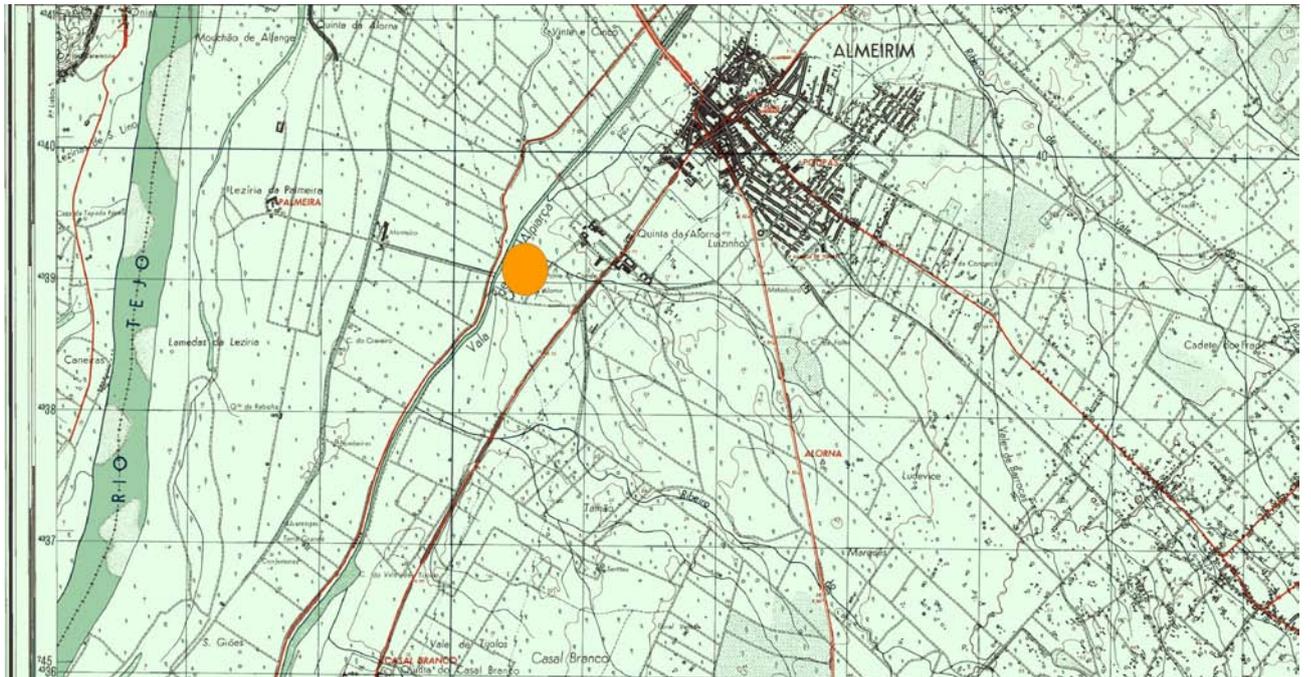


Figura 2 Localização da Eira da Alorna na folha n.º 363 da Carta Militar de Portugal 1:25000.

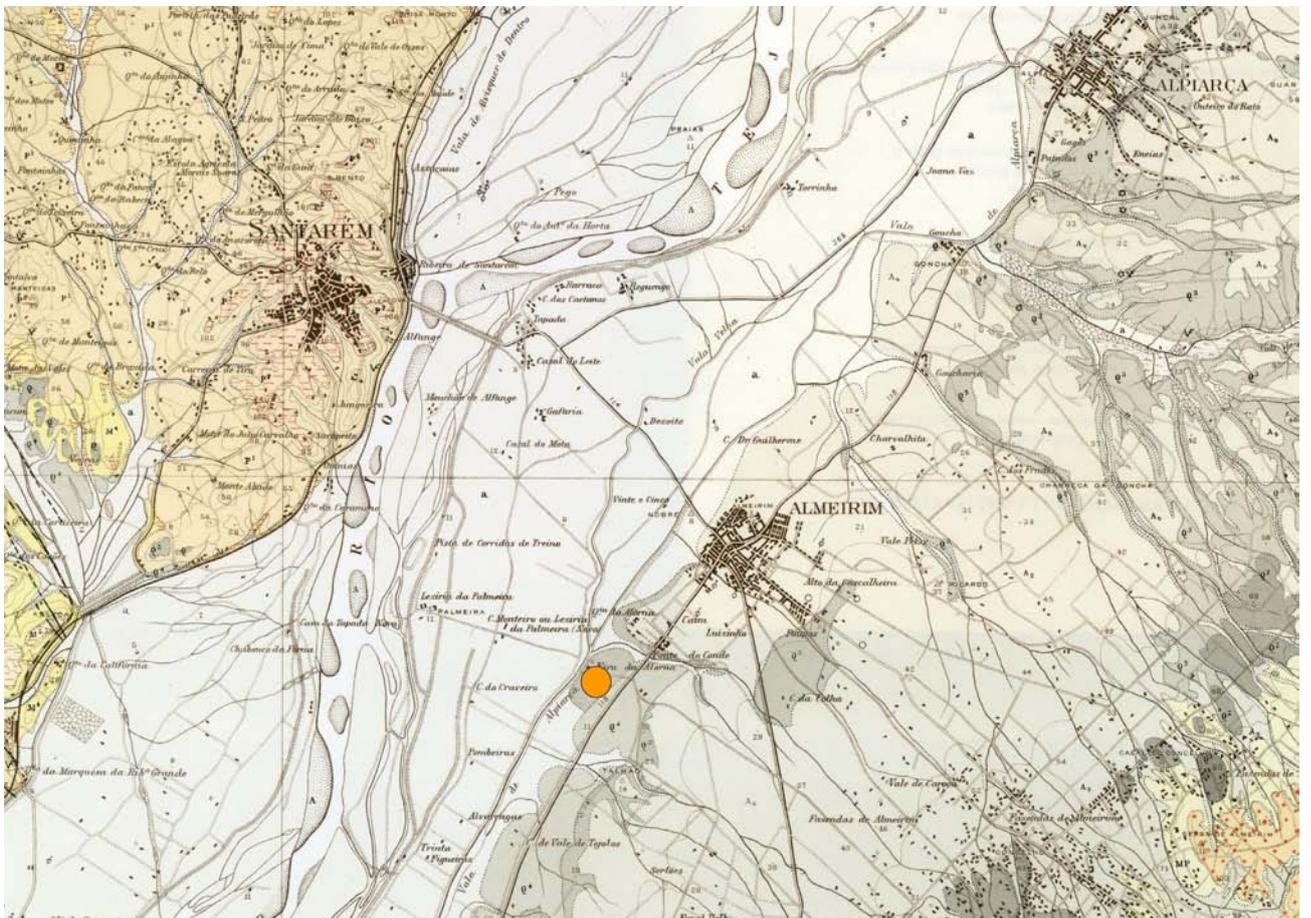


Figura 3 Eira da Alorna na folha n.º 31A Santarém, da Carta Geológica de Portugal 1:50.000.

Figura 4
Vista geral do sítio com a Alcáçova de Santarém ao fundo. Fotografia de Henrique Mendes.



Figura 5
Terrenos da Eira da Alorna na sequência de trabalhos agrícolas. Ao fundo, o edifício setecentista da Quinta da Eira da Alorna. Fotografia de Henrique Mendes.

Figura 6
Pormenor do pequeno outeiro onde se implantam as ocupações proto-históricas após trabalhos agrícolas. Fotografia de João Pimenta.

4



5



6

2. A ocupação Calcolítica

A cerâmica

Uma ocupação calcolítica da Eira da Alorna ficou comprovada através da recolha de fragmentos de três vasos campaniformes, dois bordos e uma parede (Fig. 7, n.º 1-4). Trata-se, em dois casos, de taças de tipo Palmela, e, num outro, de um vaso campaniforme “clássico” ou acampanado. A decoração é incisa em todos, quer aquela que se verifica sobre o bordo da taça, quer a foi aplicada sobre a parede. Os motivos incorporam linhas zigzagueantes duplas que formam faixas em reserva, no n.º 1 e no 3, estando os espaços entre elas decorados com traços oblíquos (n.º 1) e verticais (n.º 3). No caso da parede, o n.º 2, uma linha também zigzagueante limita o final da área decorada, composta por caneluras horizontais sobre as quais se traçaram linhas verticais. O reticulado sobre o bordo foi conseguido através do cruzamento de linhas perpendiculares entre si.

A estas três peças da segunda metade do 3º milénio poderiam eventualmente juntar-se outros fragmentos cerâmicos, sem decoração, recolhidos à superfície, nas circunstâncias que descrevemos na Introdução. São os casos dos n.ºs 5-9, ou mesmo os n.ºs 22-26, que, contudo, podem também pertencer às ocupações proto-históricas. A ausência de contextos estratigráficos impede, porém, essa inclusão neste período, ou em qualquer outro.

A presença de vasos campaniformes em sítios ribeirinhos da margem esquerda do Tejo não constitui uma novidade absoluta, uma vez que outras ocupações de idêntica cronologia e “cultura material” têm vindo a ser identificados e valorizados em anos recentes (Andrade, Neves e Lopes, 2015; Andrade, 2017; Gonçalves, Sousa e Andrade, 2017). De facto, entre Muge e Almeirim abundam os sítios com “...ocupações campaniformes...” (Gonçalves, Sousa e Andrade, 2017, p. 117) “...implantados em área aberta, sem aparentes preocupações de carácter defensivo...” (*ibidem*, p. 118), onde se recolheu cerâmica campaniforme maioritariamente de estilo inciso. A Eira da Alorna pode incluir-se no designado Núcleo de Almeirim/Alpiarça, que incorpora também o Alto dos Cacos (Pimenta *et al.*, 2012; Sousa *et al.*, 2016), com condições topográficas idênticas ao sítio em apreço neste trabalho, mas também o Alto do Castelo (Harrison, 1977, p. 155), e Cabeço da Bruxa (Kalb e Hock, 1981-82; Gonçalves, Sousa e Andrade, 2017).

Os vários fragmentos de cerâmica dita de “revestimento” recolhidos (Fig. 15, n.ºs 29-34) devem também pertencer a este “horizonte” cronológico e cultural da ocupação humana da Eira da Alorna, embora reconheçamos que também se poderiam incluir na proto-histórica. A face externa é plana, mas possuem na face interna, como habitualmente, os negativos dos elementos vegetais que estariam protegidos pela camada de barro que isolaria os ambientes domésticos. Esses elementos estariam dispostos paralelamente, como comprovam os fragmentos n.ºs 29, 31-33 ou podiam mostrar-se entrelaçados, como fica claro através do n.º 30. Estas diferenças ficam, certamente, a dever-se ao local exacto onde estariam colocados, os últimos na junção da parede com o alicerce ou com a cobertura.

Os materiais líticos

Um fragmento de gume de um machado de pedra polida (Fig. 9, n.º 10) e dois artefactos de sílex, retocados e de pequenas dimensões (Fig. 9, n.º 11 e 12) fazem parte do conjunto de materiais da Eira da Alorna que podemos integrar na Pré-História.

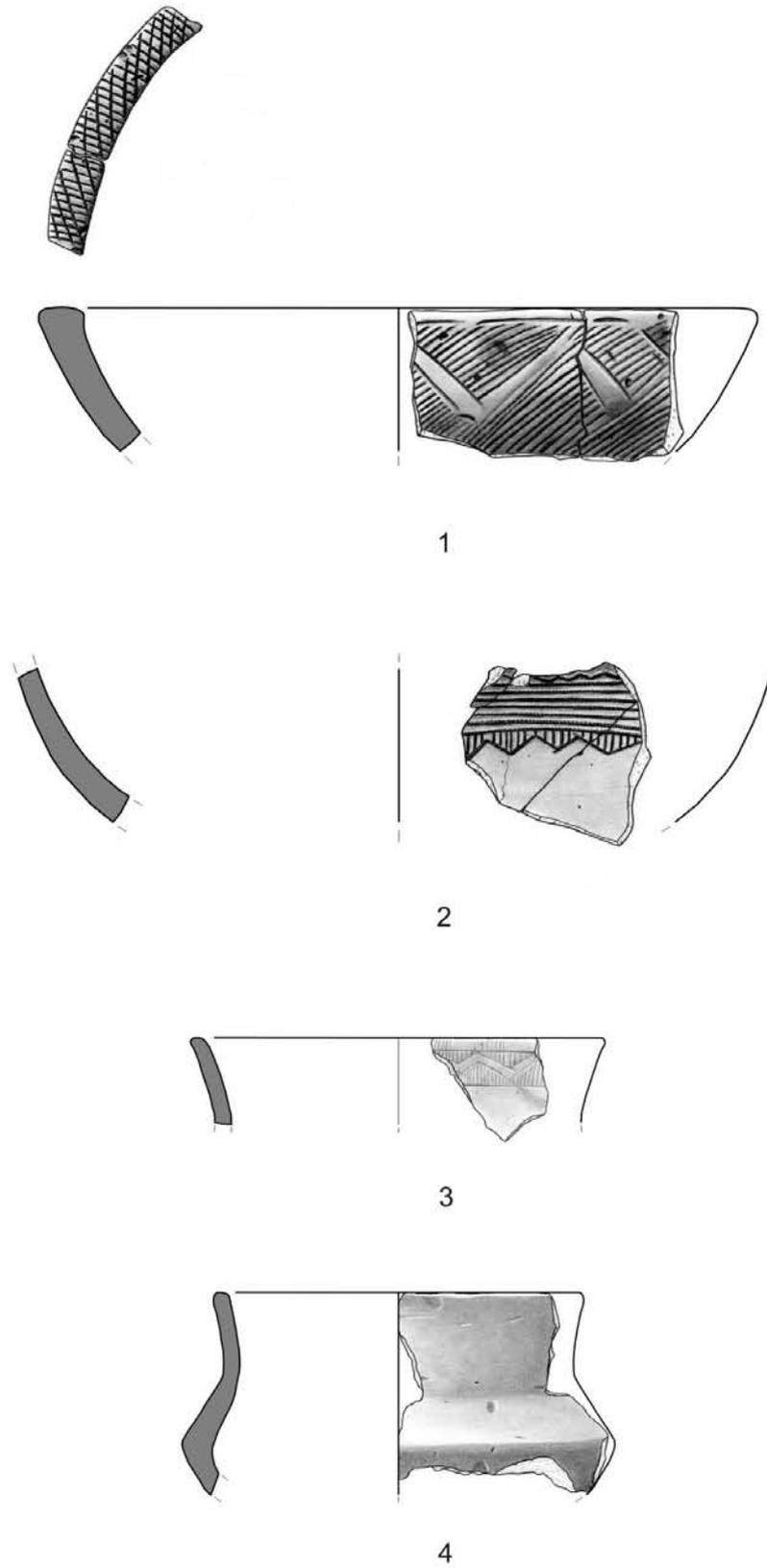


Figura 7
Cerâmicas
campaniformes.
Desenhos de
Inês Conde.

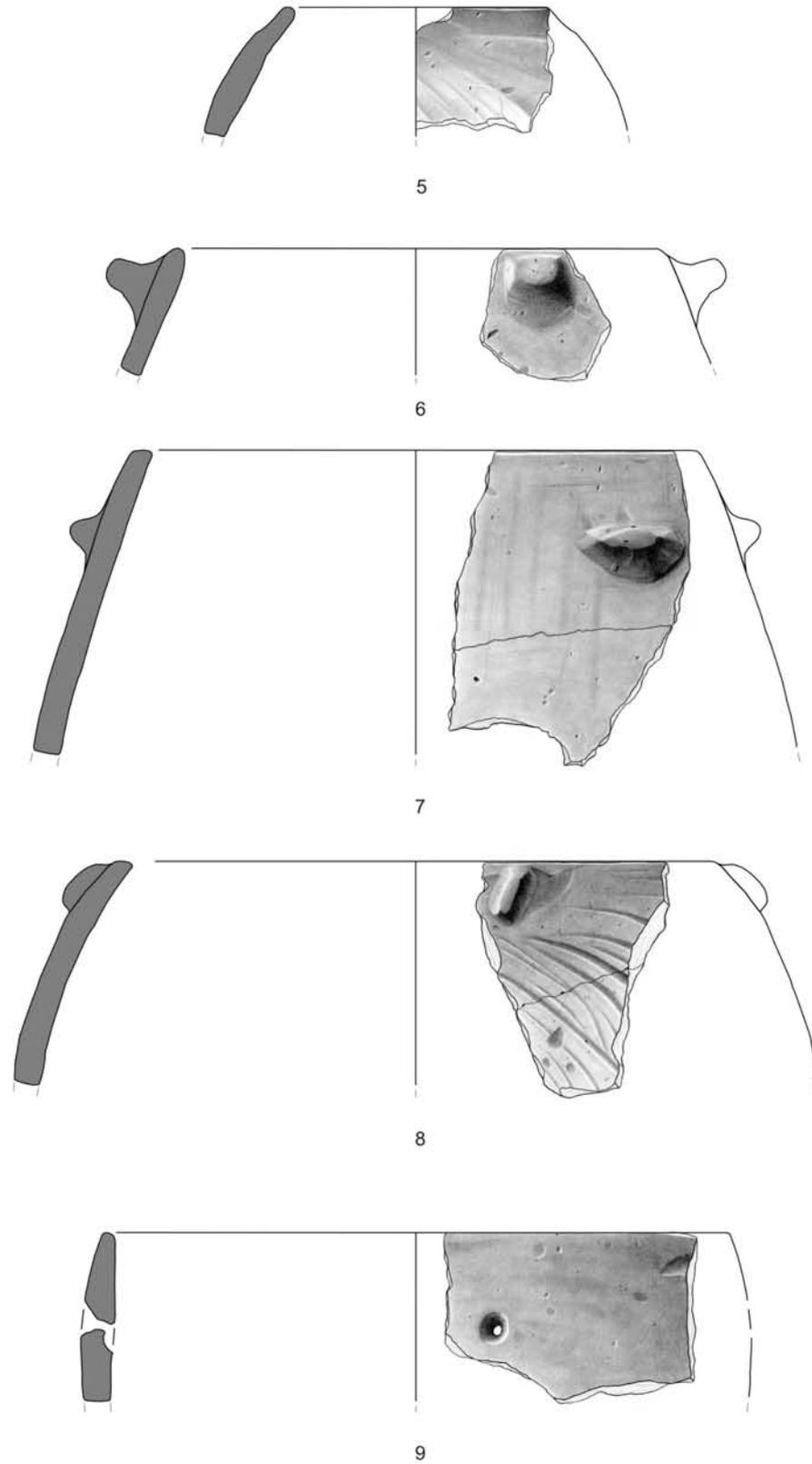


Figura 8
Cerâmicas manuais.
Desenhos de
Inês Conde.

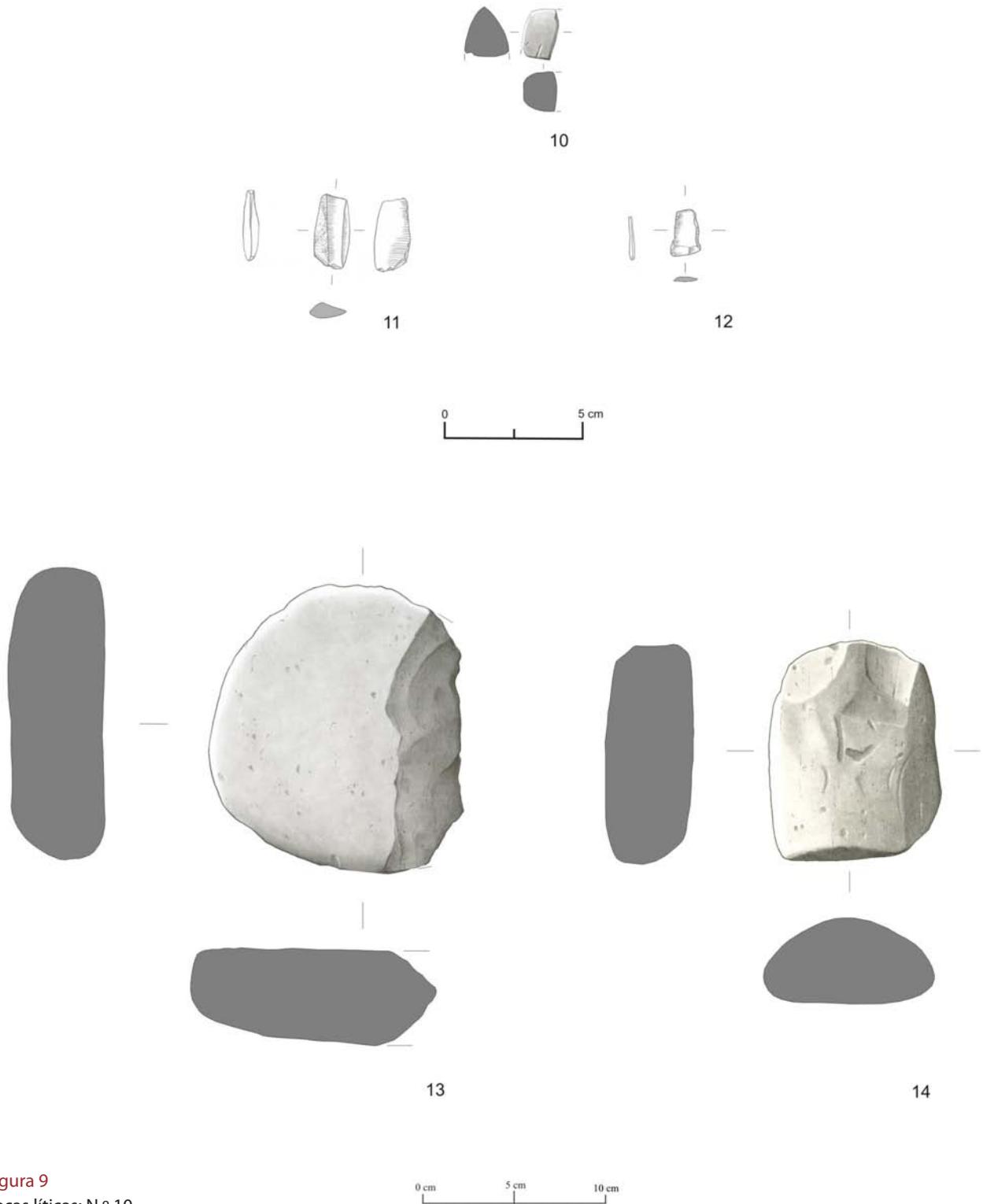


Figura 9

Peças líticas: N.º 10 gume de machado de anfibolito, n.º 11 e 12 pequena lâmina de sílex; N.º 13 e 14 dormente e movente de granito. Desenhos de Inês Conde.

Dois elementos de mó (um dormente, Fig. 9, n.º 13, e um movente, Fig. 9, n.º 14) associam-se, muito provavelmente também, a esta ocupação mais antiga do sítio, ficando documentada a moagem e, assim, o cultivo de cereais.

3. A Idade do Bronze

A cerâmica

O sítio da Eira da Alorna permaneceu ocupado durante a Proto-história, sendo numerosos os fragmentos cerâmicos que podemos associar à Idade do Bronze.

Entre eles, destacamos, desde logo, as taças com carenas baixas (n.ºs 35, 36, 37, 39), altas (n.ºs 38, 40-46) ou médias (n.º 38, 48), suaves (n.º 40, 43) ou muito marcadas (n.º 44, 45), algumas das quais possuem “pegas” alongadas (n.º 47, 84), dispostas horizontalmente, sendo por vezes perfuradas (n.º 47, 83, 85), que terão funcionado como elementos de prensão e/ou de suspensão. É uma das formas mais características do Bronze Final peninsular, sendo, evidentemente, abundante na região do Baixo Tejo, também nos sítios próximos daquele que é aqui tratado, parecendo, assim redundante uma apresentação exaustiva de paralelos, quer para a forma, quer para os referidos elementos que surgem, amiúde, sobre as carenas. Ainda assim, não podemos deixar de referir, pela proximidade geográfica, a sua presença no Alto dos Cacos (Sousa *et al.* 2016) e, pelas eventuais relações de dependência ou de outro tipo, na Alcáçova de Santarém (Arruda e Sousa, 2015, p. 180, Fig. 6).

Os púcaros, com ou sem asa (n.º 27, 28, 49, 50, 51, 64), são muito mais raros no conjunto, ainda que deva fazer-se referência à peça completa, depositada no Museu Nacional de Arqueologia, e que, aparentemente, é também daqui proveniente (Schubart, 1971). A forma recolhe paralelos, sobretudo em ambientes funerários, como os da região vizinha de Alpiarça (Kalb e Hock, 1985; Vilaça, Cruz e Gonçalves, 1999), ou de tipo *potlatch*, como parece ser o caso da Moita da Ladra, em Vila Franca de Xira (Cardoso, 2013; Monteiro e Pereira, 2013). Sem contexto de contexto de recolha seguro, terá sido, certamente, a forma e o estado de conservação do “púcaro/urna” do MNA que contribuíram para a recente classificação como necrópole de incineração do sítio em apreço neste trabalho (Vilaça e Cardoso, 2017, p. 259), classificação que não rejeitamos, por completo, assumindo-se, contudo, que ele foi também, e sobretudo, um povoado.

Um outro recipiente bem conservado (n.º 28), este recuperado nos trabalhos de prospecção recentes, integra-se no grupo dos vasos de carena baixa, podendo recolher-se também na categoria dos púcaros, classificação que propomos dada a profundidade, relativamente elevada, a largura (diminuta) e a existência de uma asa. As paredes são côncavas, o bordo é evertido e possui uma asa de secção quadrangular na área mesial. As características gerais desta peça permitem fazer recuar a ocupação do sítio para o Bronze Médio, mais concretamente para uma cronologia da primeira metade do segundo milénio. A verdade é que os melhores paralelos para este vaso se encontram associados ao Bronze de Sudoeste, mais exactamente numa das duas cistas da necrópole dos Bugalhos, em Serpa (Soares, 2000: Soares *et al.*, 2009, p. 444, Fig. 11, A), ainda que, neste caso, o vaso seja ligeiramente mais largo e mais baixo do que o do vale do Tejo e a asa arranque do bordo, o que o transforma numa taça de carena baixa. As mesmas observações para a relação altura/largura são válidas para as peças dos hipogeus 2 e 3 da Horta do Pulgão, também em Serpa (Ponte *et al.*, 2012, Fig. 10, n.º 3,

Fig. 16), datados do Bronze Médio, e cujas asas se implantam no bordo, mas também junto à carena. Na mesma região do vale do Tejo em que a Eira da Alorna se integra existe uma outra taça de características similares, que foi, aliás, classificada como de “tipo Atalaia” (Pimenta *et al.*, 2012, p. 31, 35, Fig. 30 e 31), tendo sido associada a uma eventual necrópole localizada no sítio do Arneiro do Fidalgo.

No conjunto das cerâmicas recolhidas na Eira da Alorna, existe um pequeno grupo de taças hemisféricas, ou em calote (n.^{os} 66-68), que podem corresponder quer à ocupação da Idade do Bronze, quer à do Calcolítico, como já acima fizemos referência, quer mesmo à da Idade do Ferro. As condições da sua recolha não permitem uma adscrição inequívoca a qualquer um dos períodos, pelo que deixamos em aberto a questão, que só escavações arqueológicas com o devido controlo estratigráfico podem efectivamente resolver. A verdade é que este tipo de tigela tem uma longa diacronia de produção e de utilização, mesmo na região em que o sítio que estudamos neste trabalho se insere (por exemplo, Gruta do Correio Mor, Alcáçova de Santarém) e a sua datação só se torna possível quando se encontram em contextos primários de deposição, o que não é o caso das que aqui se trataram. Ainda assim, o alisamento cuidado das suas superfícies permite admitir a possibilidade de se tratar de vasos usados no final do 2.^o milénio, argumento de que também se recorreu o autor que estudou as ocupações da Gruta do Correio Mor, em Loures (Cardoso, 2003: 256)

Já os vasos de pequena dimensão que cabem na categoria dos esféricos altos (n.^{os} 79-82 e 64-66) parecem mais fáceis de integrar na Proto-história, dada a presença de mamilos e/ou pegas, situação que recolhe paralelos expressivos, por exemplo na Gruta do Correio Mor, em Loures (Cardoso, 2003: Fig.57, n.^o 8 e 9) ou na Serra do Socorro, em Mafra (Dias, 2017, p. 173, Est. 19). Na margem direita do baixo Tejo deve destacar-se a Alcáçova Santarém, onde a forma está documentada exclusivamente em níveis do Bronze Final (Arruda e Sousa, 2015, p. 182, Fig. 10).

Outros esféricos, de bordo reentrante, mas de maior dimensão que os anteriormente comentados (n.^{os} 5-8), e que devem corresponder a potes, apresentam a superfície externa espatulada, e a maioria possui mamilos e/ou pegas imediatamente sob o bordo.

Os mamilos sob o bordo estão também presentes em vasos fechados, de tendência ovoide (n.^{os} 22-26), cuja função deverá ter sido também o armazenamento. São frequentes em contextos do Bronze Final estremenho, como, por exemplo no Castelo dos Mouros, em Sintra (Cardoso, 1997-98), em Lisboa, na Tapada da Ajuda (Cardoso e Silva, 2004) e na Praça da Figueira (Silva, 2013), na Gruta do Correio Mor (Cardoso, 2003) e na Serra do Socorro, em Mafra (Dias, 2017).

Também potes serão os vasos cujas paredes são consideravelmente mais verticais que as dos fragmentos de amplo diâmetro que excluimos do grupo precedente (n.^{os} 52-58). A forma é habitual nos contextos domésticos coevos do Bronze Final, sendo abundante na região do Baixo Tejo, possuindo paralelos nos sítios já citados.

A mesma funcionalidade deve ser atribuída aos vasos de colo alto e bem diferenciado do corpo, de paredes verticais e corpo globular (n.^{os} 49-51). Uma vez mais, esta é uma morfologia associada ao Bronze Final estremenho, tendo vasos deste tipo sido recolhidos em múltiplos sítios de habitat da Estremadura.

As decorações são muito raras no conjunto das cerâmicas que associamos à Idade do Bronze. Foram reconhecidos dois bordos denteados, ambos correspondentes a potes/panelas de perfil em S (Fig. 22, n.^o 72 e 73). Esta decoração impressa neste tipo de recipiente é típica desta cronologia em vastas áreas peninsulares, nomeadamente no próprio baixo Tejo, como

é o caso da Alcáçova de Santarém (Arruda e Sousa, 2015, p.182, Fig. 10), mas permanece no conteúdo dos inventários durante a primeira fase da Idade do Ferro, como foi reconhecido também naquele sítio (Arruda, 1999/2000, p. 174 e 175, Fig. 110-111; Sousa e Arruda, no prelo) e igualmente em Lisboa (*Ibidem*, p. 116). Assim, e mais uma vez, a sua atribuição ao Bronze Final, sendo muito provável, deve ser assumida com as necessárias reservas.

Em um fragmento de um pote de paredes verticais (n.º 75) é visível, quase imediatamente a seguir ao bordo, um cordão plástico de perfil sub-triangular que foi alvo de incisões em ambas as superfícies que o definem. Neste caso concreto, a dúvida sobre a sua atribuição cronológica é devida ao facto de poder integrar-se no Calcolítico final, cronologia que, como acima se viu, está documentada no sítio.

Finalmente, houve a oportunidade de reconhecer a existência de uma parede pertencente a uma taça de carena média, que exhibe, na superfície externa da parte inferior do corpo, decoração brunida, (n.º 74). Trata-se de sulcos finos e pouco profundos, que se cruzam, definindo um reticulado. É impossível não reconhecer as semelhanças entre esta peça e a que é proveniente da Alcáçova de Santarém (Arruda, 1999-2000, p. 177, 182, Fig. 112, n.º 3), quer em termos formais quer no padrão decorativo quer ainda na própria localização da decoração. Note-se, contudo, que a última foi recuperada em nível da Idade do Ferro, ainda que antigo. Convém também deixar aqui devidamente registado que o padrão não é comum nas fases do Bronze Final da área do Tejo, onde a decoração brunida está, sobretudo, associada a formas fechadas e altas, incidindo, preferencialmente, nos colos e ombros, como Sara Almeida teve já oportunidade de observar, tendo listado, exaustivamente, as ocorrências (Almeida, 2014, p.131, 141, Fig. 4), a que se podem associar descobertas mais recentes que reforçam as leituras daquela investigadora, nomeadamente as dos níveis do Bronze Final da Alcáçova de Santarém (Arruda e Sousa, 2015: p. 183, Fig. 11). Quando surge em vasos abertos, concretamente em taças carenadas, as decorações recaem na área superior da peça, concretamente entre a carena e o bordo (*Ibidem*), distanciando-se da da Eira da Alorna. Estas dissemelhanças podem traduzir uma cronologia distinta para este vaso em concreto, e assim a sua inclusão na Idade do Ferro, que, no entanto, parece ser aqui, como veremos, excessivamente tardia (século VII a.n.e.) para suportar a utilização de este tipo de recipientes com esta particular decoração.

O conjunto dos materiais cerâmicos recolhidos na Eira da Alorna incorpora um lote de sete peças, idênticas entre si, e ainda mal caracterizadas na nossa área de estudo. Trata-se de pequenos cilindros cerâmicos, perfurados verticalmente no centro (n.ºs 15-21), e que correspondem, muito provavelmente, a pesos de tear. A função parece relativamente clara, e a sua inclusão no Bronze Final pode ser defendida face aos paralelos que pudemos recolher para elas no Alentejo, quer em sítios de fossas/silos, como o Casarão da Mesquita 3, S. Manços, Évora (Santos *et al.*, 2008, p. 73, Fig. 19, n.º 9 e 10) e Horta do Cabral 6, Torrão, Alcácer (Matias *et al.*, 2017, p. 852, Fig. 7), quer em Evoramonte (Mataloto, 2013, p. 251, Fig. 8), onde foram recolhidos em contextos associados à segunda metade/final do II milénio a.n.e. Este tipo de peso de tear está também documentado no Sudeste peninsular (Jover y Lopez, 2013, p.161, Fig. 15), área em que “...las pesas de telar circulares o tronco-cilíndricas con una única perforación centrada aparecen después de c. 1750 cal BC...” (*Ibidem*, p. 160).

A actividade têxtil na Eira da Alorna fica assim demonstrada, e seria praticada, muito possivelmente, em teares verticais. Na Estremadura, este artefacto é quase desconhecido, havendo, contudo, registo de um outro peso com esta morfologia de Pragança, que não pode,

infelizmente, ser associado a nenhuma cronologia em concreto, apesar do sítio possuir uma muito bem documentada ocupação da final da Idade do Bronze.

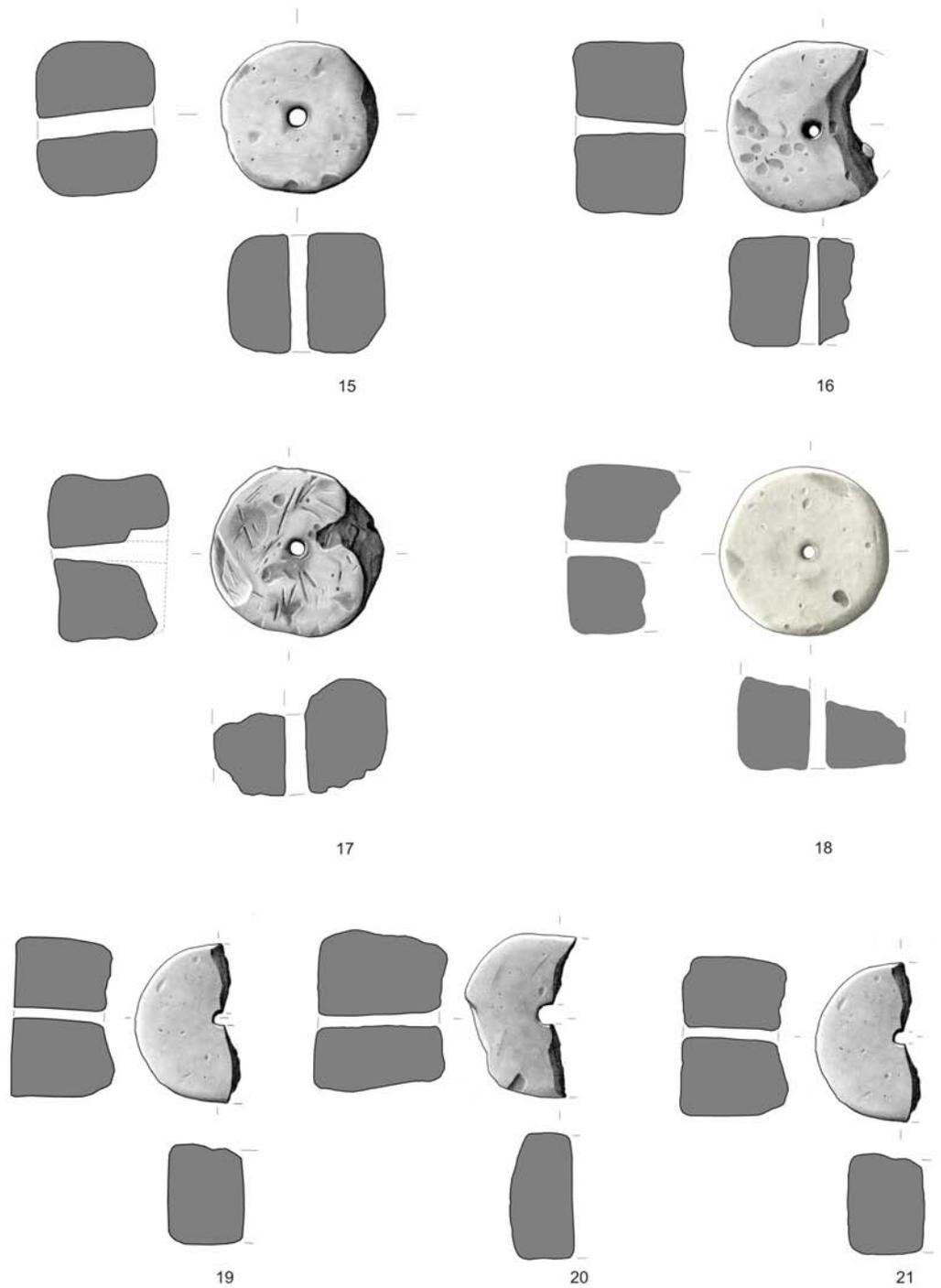


Figura 10
Pesos de Tear de
cerâmica manual,
atribuíveis ao Bronze
Final. Desenhos de
Inês Conde.

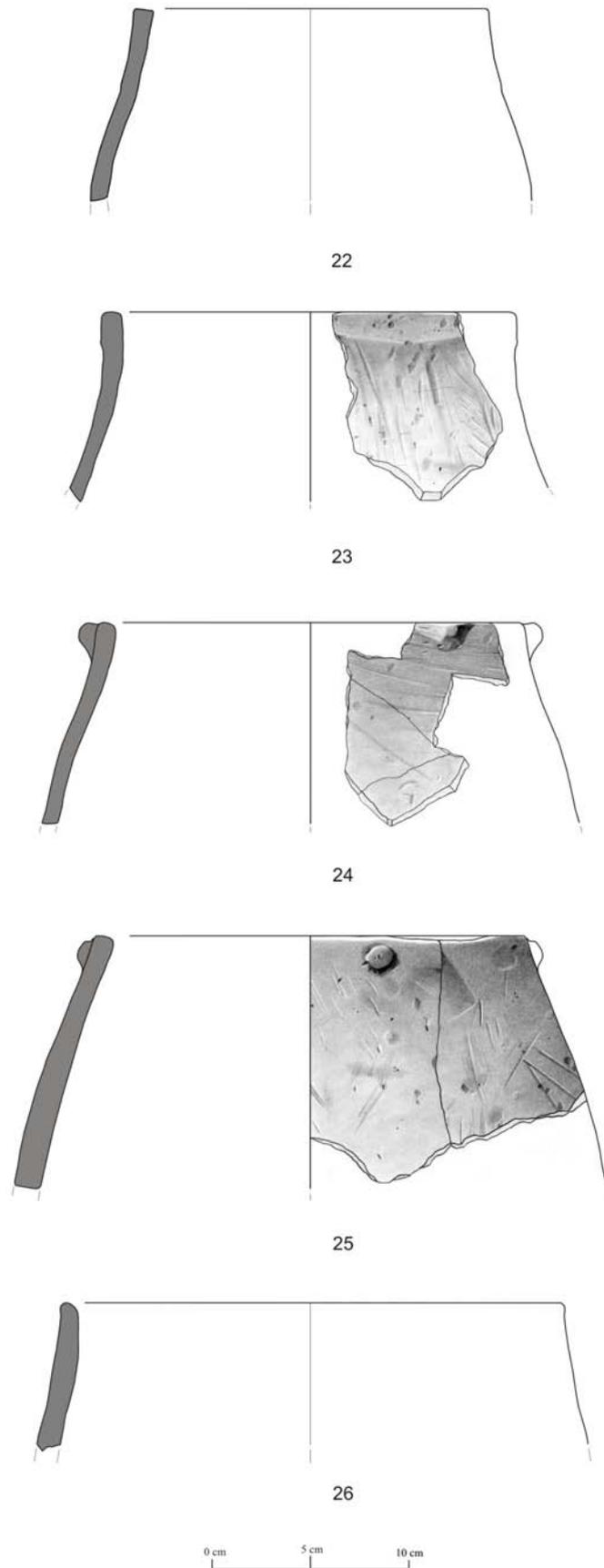
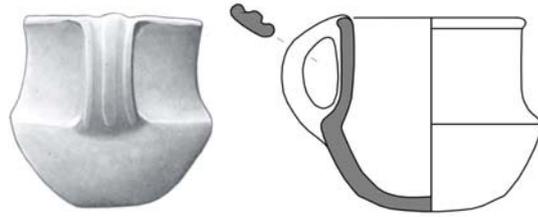


Figura 11
Contentores de
armazenamento de
cerâmica manual.
Desenhos de
Inês Conde.

Figura 12

Duas peças completas atribuíveis ao Bronze Final. N.º 27 corresponde ao vaso depositado no Museu Nacional de Arqueologia com a designação de Quinta da Alorna – MNA 1563. Desenhos de Inês Conde.



27



28

**Figura 13**

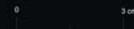
Vaso do Bronze Final depositado no Museu Nacional de Arqueologia com a designação de Quinta da Alorna – MNA 1563. Fotografia de João Pimenta.

Figura 14

Vaso do Bronze Final depositado no Museu da Associação de Defesa do Património Histórico Cultural de Almeirim. Fotografia de Henrique Mendes.



13

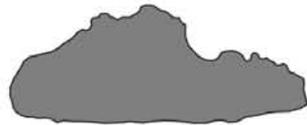
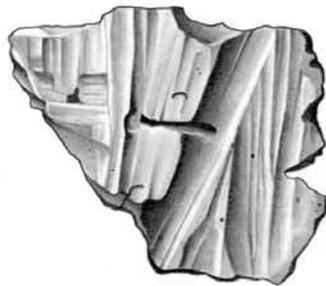


14

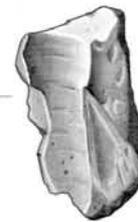
Figura 15
Fragmentos de
cerâmica de
revestimento.
Desenhos de
Inês Conde.



29



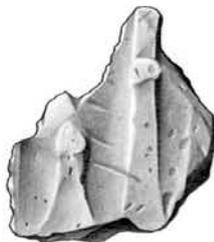
30



31



32



33



34



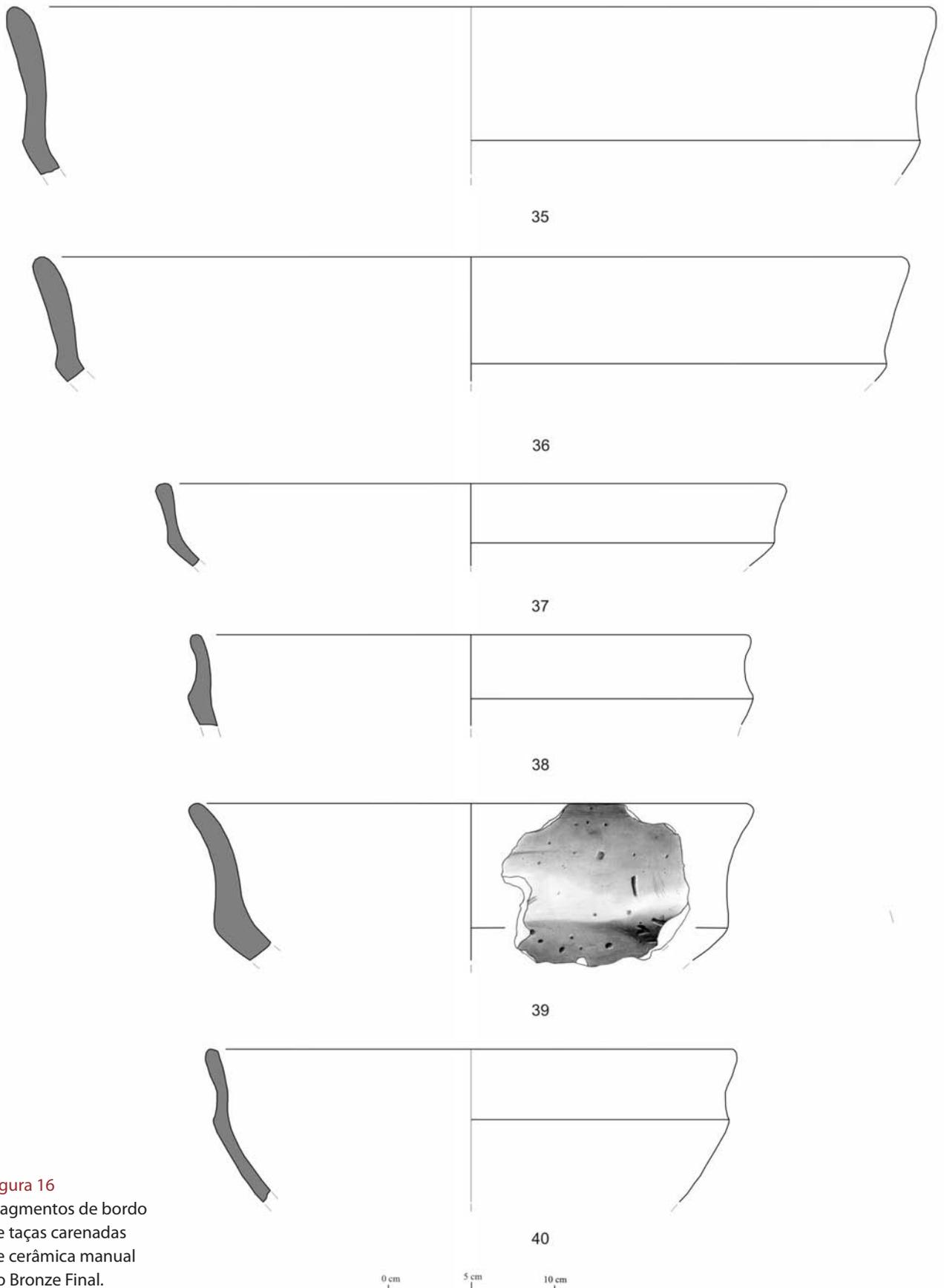


Figura 16
Fragmentos de bordo
de taças carenadas
de cerâmica manual
do Bronze Final.
Desenhos de
Inês Conde.

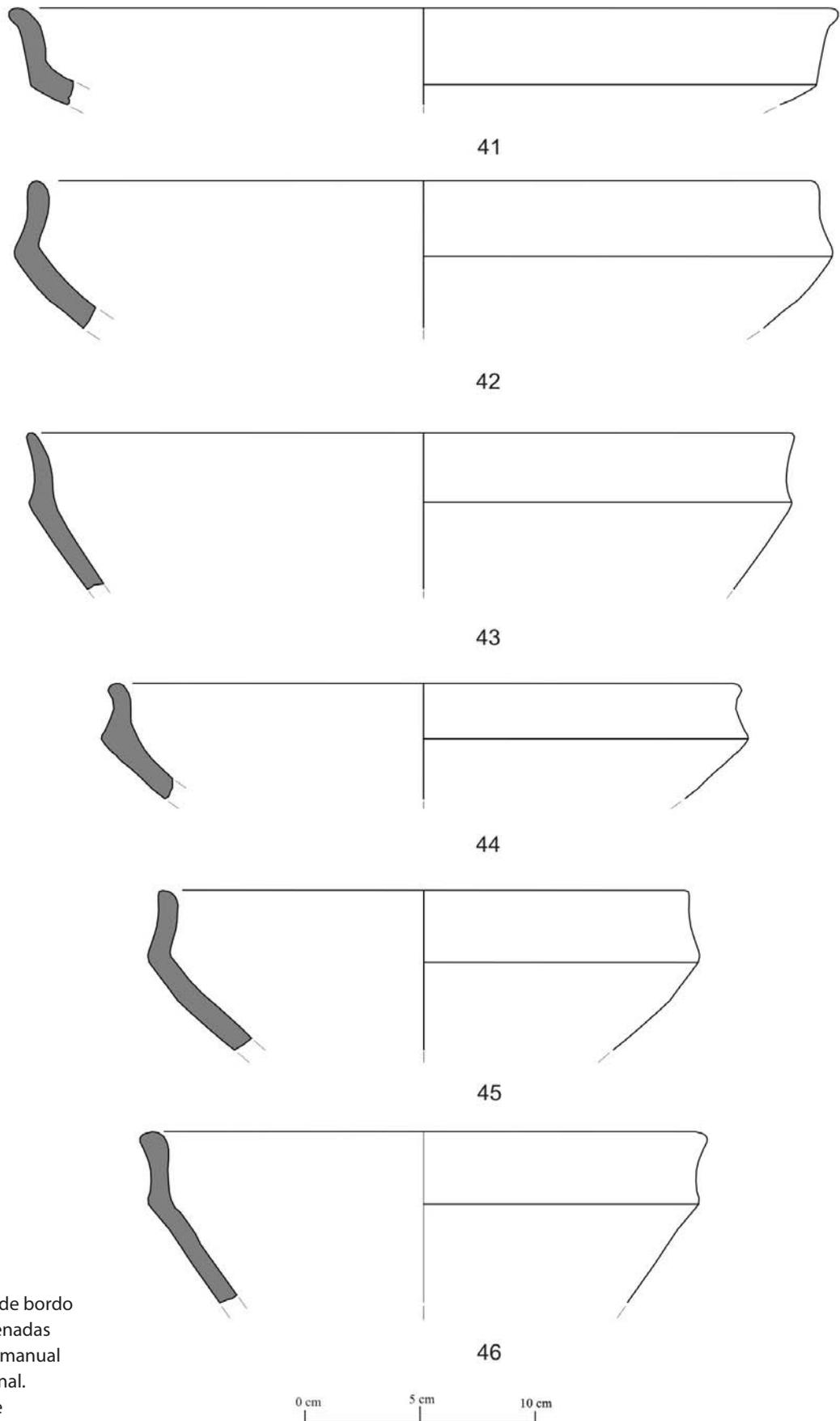
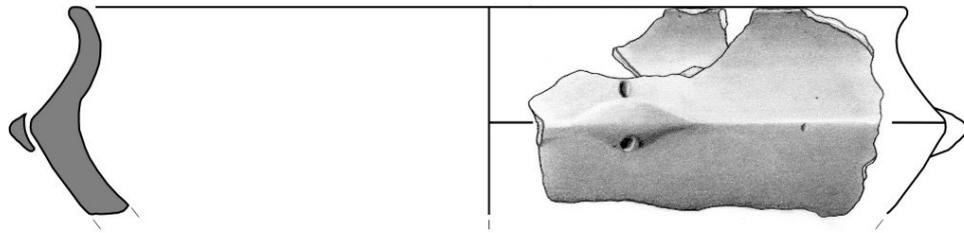
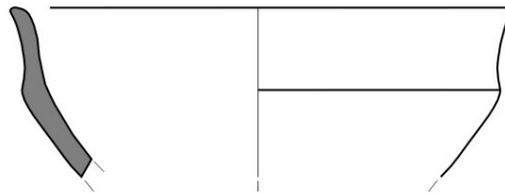


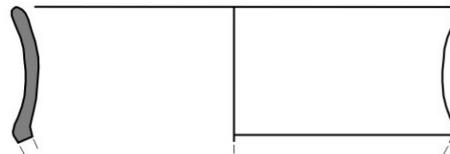
Figura 17
Fragmentos de bordo
de taças carenadas
de cerâmica manual
do Bronze Final.
Desenhos de
Inês Conde.



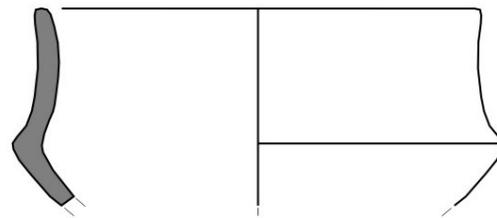
47



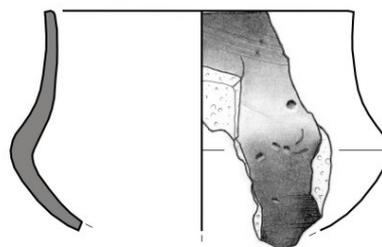
48



49



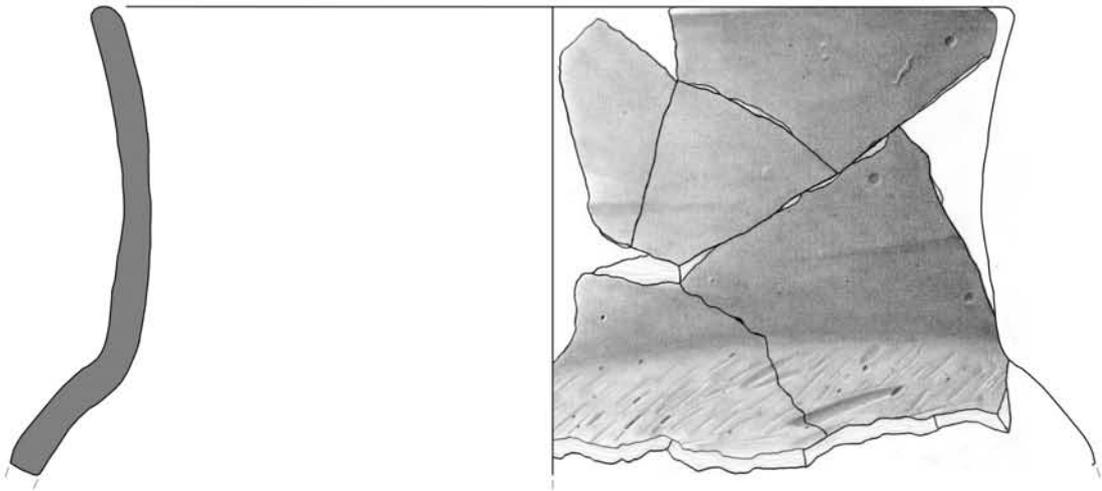
50



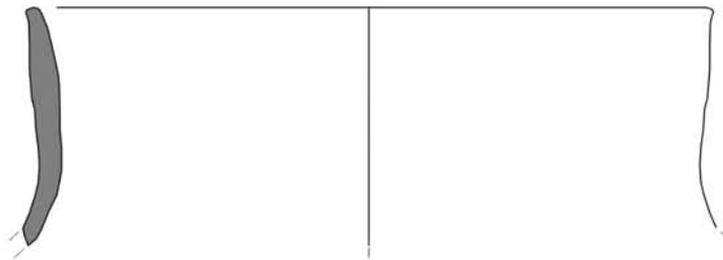
51

Figura 18
Fragmentos de bordo
de taças carenadas
de cerâmica manual
do Bronze Final.
Desenhos de Inês
Conde.

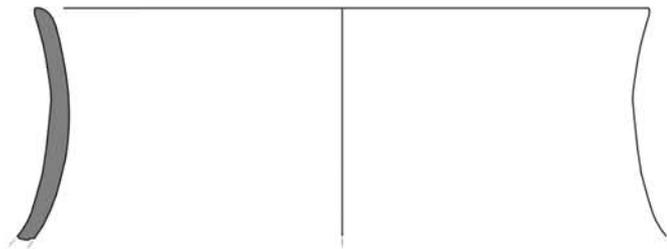




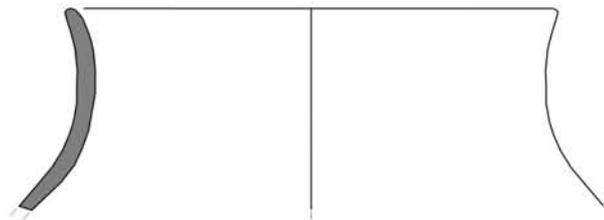
52



53



54

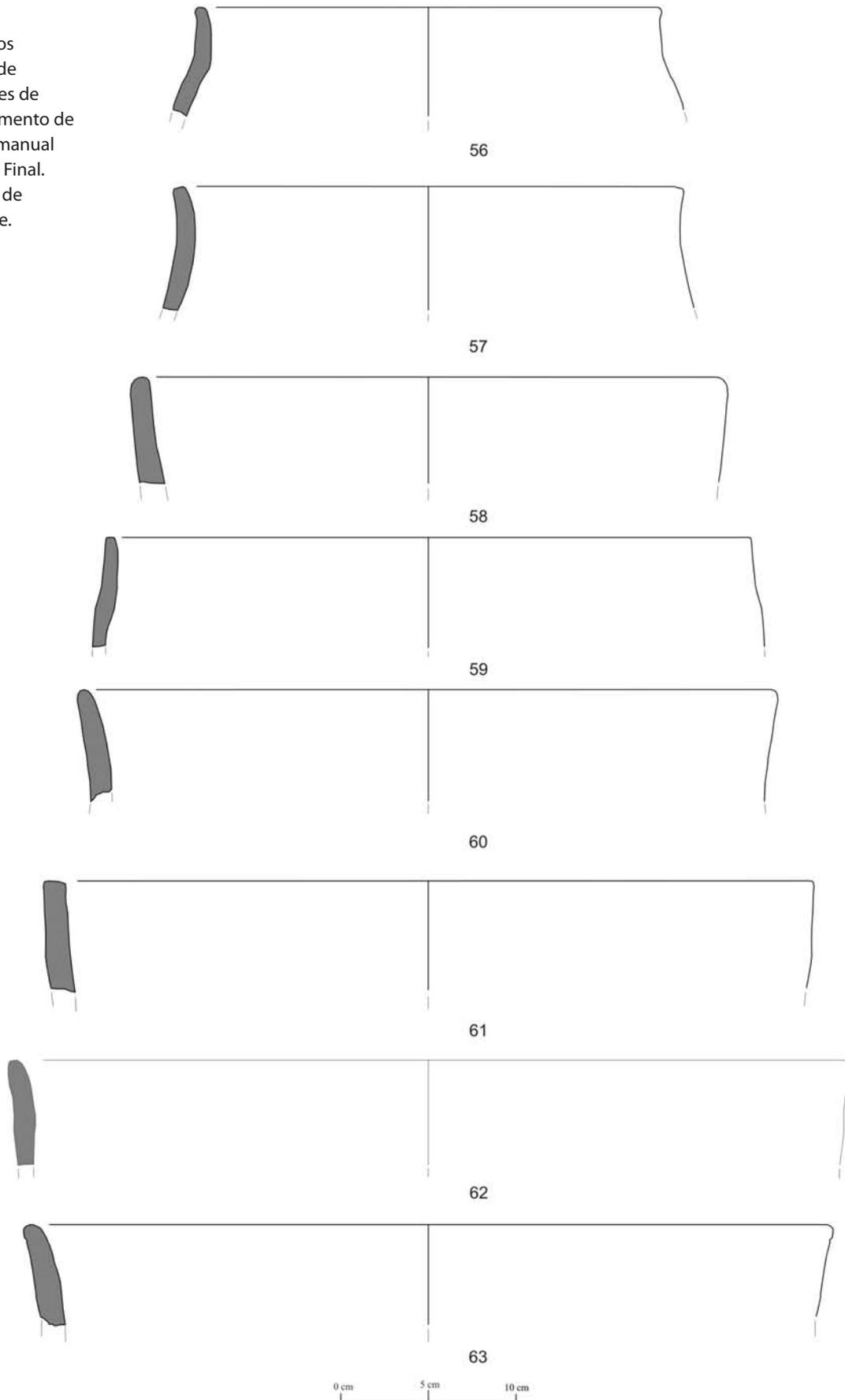


55



Figura 19
Fragmentos de bordo
de contentores de
armazenamento de
cerâmica manual
do Bronze Final.
Desenhos de Inês
Conde.

Figura 20
Fragmentos de bordo de contentores de armazenamento de cerâmica manual do Bronze Final. Desenhos de Inês Conde.



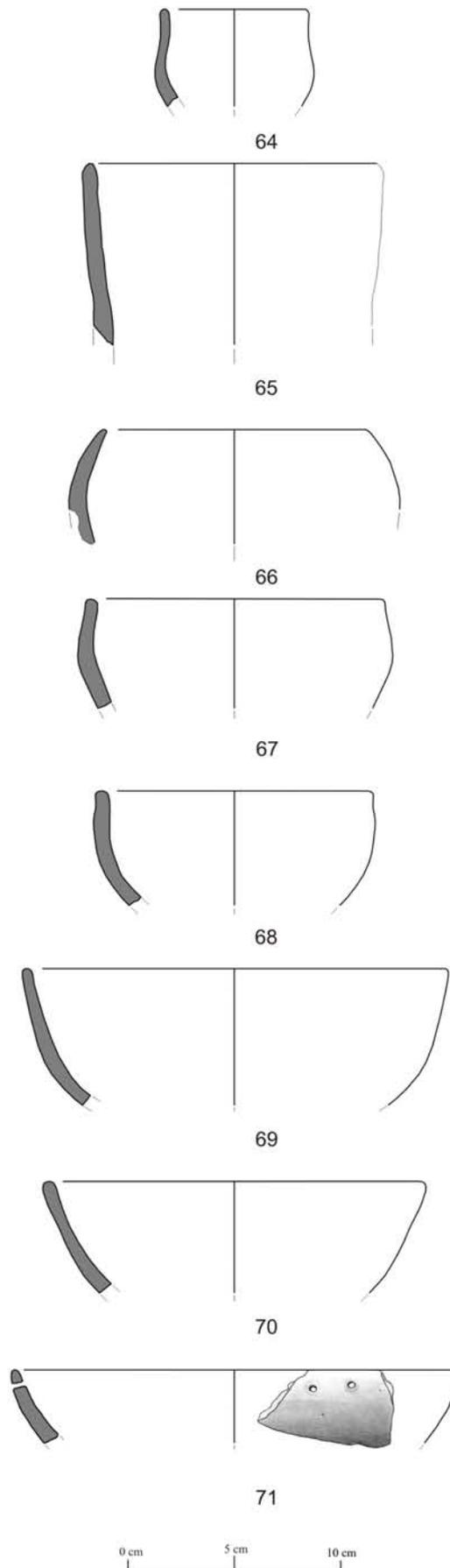


Figura 21
 Fragmentos de
 bordo de pequenos
 contentores (n.º 64 e
 66) e taças (n.º 67 a 71)
 de cerâmica manual
 do Bronze Final.
 Desenhos de
 Inês Conde.

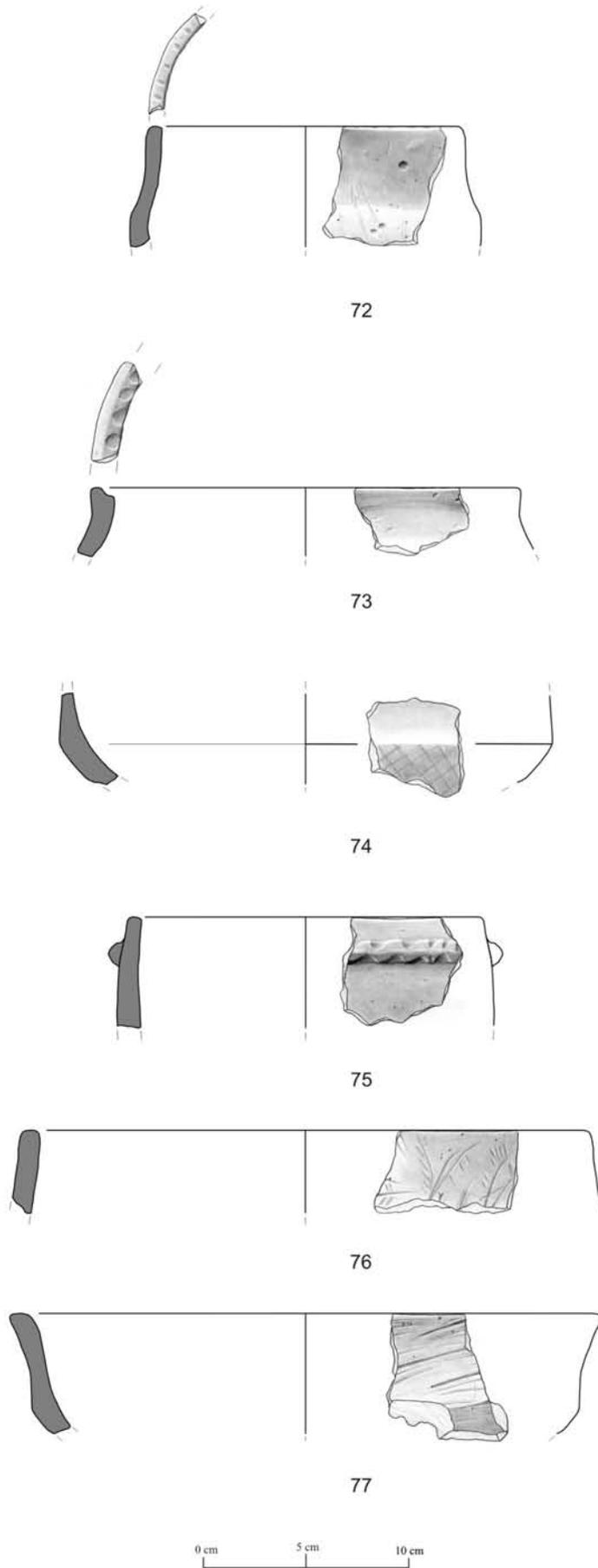
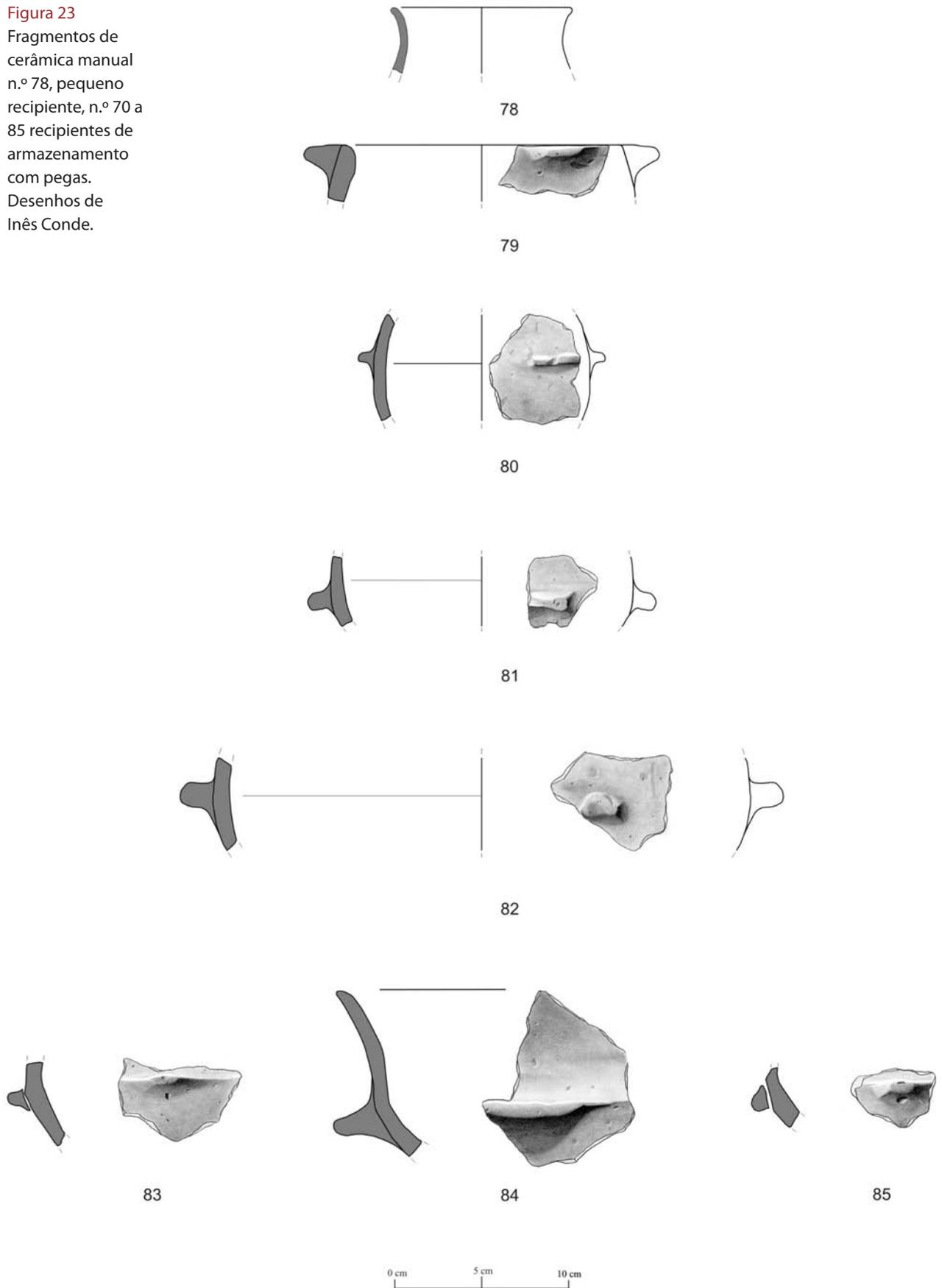


Figura 22
Fragmentos de
cerâmica manual com
decoreção. Desenhos
de Inês Conde.

Figura 23
 Fragmentos de
 cerâmica manual
 n.º 78, pequeno
 recipiente, n.º 70 a
 85 recipientes de
 armazenamento
 com pegas.
 Desenhos de
 Inês Conde.



O espólio lítico

Entre o conjunto de materiais da Eira da Alorna atribuíveis ao Bronze Final, contam-se dois elementos denticulados, pertencentes a foices, e obtidos sobre lasca de sílex, que apresentam o típico brilho associado ao corte de cereal na zona da serrilha. Trata-se de um muito característico tipo de artefacto, cuja presença nos sítios do final do segundo milénio é recorrente na área da Estremadura. Se os casos da Tapada da Ajuda, em Lisboa (Cardoso *et al.*, 1980-81; Cardoso e Silva, 2004), e do Abrunheiro, em Oeiras, impressionam pelo número de peças (várias centenas), deve assinalar-se a sua presença também em Lisboa, mas na Praça da Figueira (Silva, 2013, p.48, 51, 53, Fig.11) e, mais para o interior, na Serra do Socorro e no Cabeço de Alcainça, ambos em Mafra (Ponce, 2013; Dias, 2017, p. 78, 177, Fotog. 26). A sua identificação num povoado implantado numa das mais férteis áreas do território português não causa qualquer estranheza, sendo apenas mais um dado a acrescentar à já longa série de evidências da importância da cultura cerealífera no Oeste peninsular, em geral, e no vale do Tejo, em particular (Fig.24, n.º 87 e 88 e Fig. 26).

Os artefactos metálicos

Apenas um artefacto metálico proto-histórico faz parte do conjunto dos materiais da Eira da Alorna. Trata-se de uma ponta de lança de alvado, fracturada próximo da ligação entre a lâmina e o alvado (Fig. 25; Fig. 24, n.º 86). A primeira, com 9 cm de comprimento e 2,4 de largura máxima, é biconvexa, com nervura longitudinal central, saliente, de secção quadrangular; o segundo, em grande parte fracturado, apresenta secção sub-circular.

A peça foi já alvo de publicação preliminar e de análises metalográficas (Soares *et al.*, 2015), tendo as últimas evidenciado um bronze binário, concretamente uma liga de cobre (90,1%) e estanho (8,3%), sem adições significativas de outros metais (1,2% de chumbo, 0,11% de arsénio, 0,05% de ferro) (*Ibidem*, p.15-16), compaginando-se, portanto, com a metalurgia do Bronze Final.

Foi já incluída no grupo genérico “tipo Baiões” (*Ibidem*), definido por Coffyn 1983 e retomado em 1985 (p. 218), tipo que tem, como se sabe, analogias formais e cronológicas com as do depósito de Vénat. Pontas de lança idênticas à identificada na Eira da Alorna foram registadas em “depósitos», alguns na Estremadura, como é o caso do dos Fieis de Deus (Melo, 2000, p. 38, Fig. 4, n.º 2), da qual diverge, contudo, nos contornos gerais da lâmina, mais alongada no Bombarral. A mesma divergência pode ser apreciada se comparamos a lança do baixo Tejo com a de Porto de Concelho, em Mação.

As pontas de lança do Bronze Final são raras em contextos de habitat, sendo, contudo, presença quase constante em ambientes rituais, como é o caso dos depósitos. Ainda assim, registre-se a do Castro da Ota, em Alenquer (Fig.24, n.º 86 e Fig. 25).

Comentário geral ao espólio da Idade do Bronze

Em termos gerais, pode considerar-se que a ocupação da Idade do Bronze da Eira da Alorna não diverge, em termos cronológicos e culturais, da que está registada na região do Baixo Tejo, em geral, e da de Santarém, Alpiarça, Almeirim, em particular. A sua cronologia deve localizar-se, maioritariamente, entre os séculos XI e IX a.n.e., sendo a baixela cerâmica dominada por produções cerâmicas integralmente de produção local. Contudo, há indícios que permitem defender a presença no sítio de comunidades ainda durante o Bronze Médio,

Figura 24
 N.º 86 lança de Bronze;
 n.º 87 e 88 dentes
 de foice de sílex.
 Desenhos de
 Inês Conde.

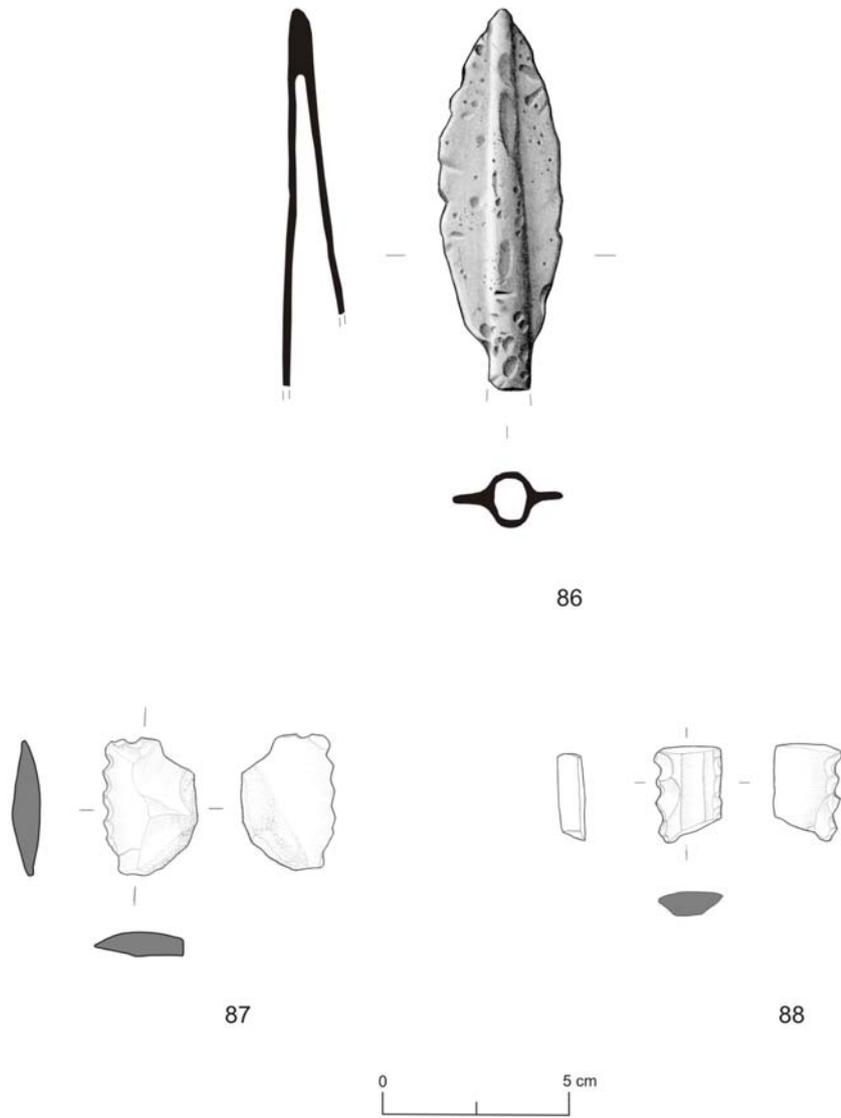


Figura 25
 Lança de Bronze
 recolhida na Eira da
 Alorna e, depositado
 no Museu da
 Associação de Defesa
 do Património
 Histórico Cultural de
 Almeirim. Fotografia
 de João Pimenta.

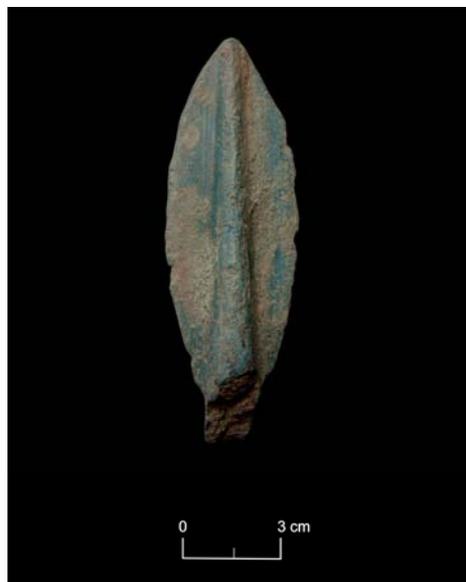
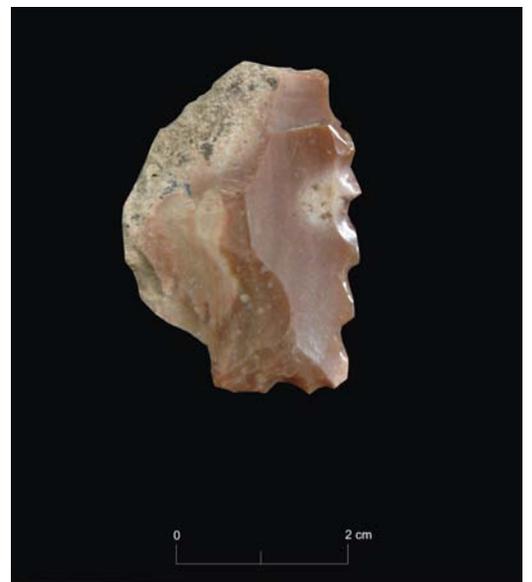


Figura 26
 Elemento de dente
 de foice de sílex com
 o típico brilho de
 cereal. Fotografia de
 Henrique Mendes.



como é o caso do púcaro de perfil completo (n.º 28), a que se poderiam associar também algumas taças hemisféricas e mesmo vasos de paredes verticais com ou sem mamilos e/ou pegas sobre o bordo ou imediatamente a seguir a este, cujas morfologias indicam uma longa transversalidade cronológica. Contudo, e como já referimos por diversas vezes, só escavações arqueológicas com controle estratigráfico, poderiam resolver esta, e outras, questões.

Como é frequente nestes contextos, os vasos decorados são muito raros, e apenas um apresenta decoração brunida reticulada, na parede externa (n.º 74). Algumas das superfícies externas dos vasos que correspondem a potes apresentam sinais de alisamento por escovagem (n.ºs 23, 25, 52), havendo casos em que se observa também um ligeiro brunimento (n.ºs 5, 7). Um único possui sulcos profundos colocados, de forma aleatória, sob o mamilo (n.º 7). A decoração denteada sobre o bordo foi observada, em apenas dois exemplares, ambos painéis de pequena dimensão, de perfil em S (n.º 72 e 73).

No conjunto das formas abertas, que se destinariam ao consumo de alimentos, as taças carenadas e as tigelas hemisféricas dominam em absoluto, possuindo muitas vezes as primeiras “pegas” alongadas sobre a carena. As fechadas correspondem maioritariamente a potes/painéis de grande e média dimensão, cujos bordos podem ser mais ou menos reentrantes. Sob estes, nota-se a presença de mamilos, em alguns dos fragmentos. Os potes de grande e média dimensão, de colo alto, cilíndrico ou hiperbolóide são pouco numerosos (n.ºs 52-55).

4. Ocupação da Idade do Ferro

O conjunto de artefactos que se integram claramente na Idade do Ferro é revelador da importância deste espaço entre os séculos VII e V/IV a.C.

As ânforas

O número de recipientes anfóricos é considerável e diversificado a nível morfológico. As características das suas pastas remetem maioritariamente para as produções que têm sido consideradas originárias da foz do estuário (Sousa, 2014; Sousa e Pimenta, 2014), excepto em alguns casos que serão devidamente indicados.

As produções mais antigas enquadram-se no tipo 1 do estuário do Tejo (Sousa e Pimenta, 2014), englobando um exemplar que é ainda claramente inspirado nos modelos produzidos no Sul da Península Ibérica, concretamente o tipo 10.1.2.1 de Ramon Torres (fig. 31 – n.º 148), o que poderá indicar uma cronologia centrada em torno ao século VII a.C.

Contudo, a grande maioria das peças deste tipo 1 revela já características que se parecem ter-se desenvolvido no quadro da produção regional do estuário, exibindo diâmetros mais amplos e perfis de bordo mais desenvolvidos. Com efeito, as características morfológicas dos fragmentos do tipo 1 recuperados na Eira da Alorna são diversificadas, e provavelmente justificam uma revisão e subdivisão desta variante que, contudo, só poderá ser esboçada com base em análises contextuais específicas e em conjuntos com um enquadramento cronológico mais curto. Assim, observam-se alguns exemplares com bordos evertidos e de secção arredondada (fig. 31 – n.º 149, 150, 154, 155, 156, 157, 158, 159), enquanto outros apresentam um perfil mais simples e um arranque do corpo mais oblíquo (fig. 31 – n.º 163, 167 e 168), o que poderá, neste caso, remeter para cronologias mais tardias, sendo semelhantes a vários fragmentos recuperados na Rua dos Correeiros (Sousa, 2014) e no Cabeço Guião (Arruda *et al.*, 2017a), cujas cronologias se centram já na segunda metade do 1º milénio a.C.

Duas peças encontradas na Eira da Alorna (fig. 31 – n.º 151 e 152) destacam-se por exibirem bordos claramente evertidos e ligeiramente engrossados no interior, dos quais arranca um corpo de perfil mais ovalado. Trata-se de particularidades morfológicas relativamente raras, até ao momento, no estuário do Tejo, sendo o paralelo mais próximo proveniente da Quinta do Almaraz (Olaio, 2015: Estampa 12 – n.º 41). Contudo, deve referir-se que estas duas peças da Eira da Alorna apresentam pastas mais grosseiras face ao resto do conjunto, podendo corresponder a produções mais interiores do estuário, o que justificaria, em parte, estas especificidades morfológicas.

Por último, resta referir, no conjunto do tipo 1 do estuário do Tejo, a presença de um bordo consideravelmente engrossado na área interna e que exhibe uma pequena saliência na superfície exterior (fig. 31 – n.º 153). Trata-se de uma variante registada também no Alto dos Cacos (Sousa *et al.*, 2016: fig. 8 – n.º 39) e na Quinta do Almaraz (Olaio, 2015: Estampa 5 – n.º 536, Estampa 7 – n.º 44). Infelizmente, em nenhum destes casos foi possível atribuir uma cronologia mais específica, ainda que a sua integração no “período orientalizante” seja admissível.

O tipo 3 do Estuário do Tejo, caracterizado pelo seu bordo bem assinalado na zona exterior, está representado por cinco exemplares (fig. 31 – n.º 160, 164, 165, 166, 169). Trata-se de uma morfologia que surge no repertório artefactual durante a segunda metade do século VI a.C., perdurando até à fase final da Idade do Ferro, sendo uma das formas mais recorrentes da região (Sousa e Pimenta, 2014).

Os exemplares integráveis no tipo 4, distinguíveis pela presença de bordos de tendência vertical e engrossados no interior, são mais raros no conjunto, contando com apenas dois exemplares (fig. 31 – n.º 162 e 163). Esta é uma forma típica da segunda metade do 1º milénio a.C., estando bem representada na Rua dos Correiros, assim como em várias outras estações arqueológicas do sul da Península de Lisboa (Sousa, 2014; 2017; Sousa e Pimenta, 2014).

Por último, cabe destacar, entre o conjunto anfórico recolhido na Eira da Alorna, a presença de um fragmento integrável no tipo 5 (fig. 31 – n.º 170), uma produção típica da área mais interior do estuário, e, até ao momento, escassamente representada fora desta região (Sousa e Pimenta, 2014).

Vários dos fragmentos de asas recolhidos durante as campanhas de prospecção são, provavelmente, pertencentes a estas morfologias de contentores de transporte de produtos alimentares. Correspondem, na grande parte dos casos, a asas de secção circular ou oval, podendo, neste último caso, exibir uma canelura acentuada na área exterior, sendo esta característica mais recorrente durante a segunda metade do 1º milénio a.C. (Sousa, 2014).

Cerâmica cinzenta

O conjunto de cerâmica cinzenta da Eira da Alorna é significativo, ainda que pouco variado a nível morfológico. As pastas são geralmente bicolores, com o núcleo alaranjado, correspondendo ao Grupo II definido para a Rua dos Correiros (Sousa, 2014: 131). Em alguns raros exemplares, o núcleo exhibe uma tonalidade acinzentada, integrando-se no Grupo III.

As formas mais recorrentes são as tigelas de perfil semi-hemisférico ou de paredes oblíquas, geralmente de bordo engrossado na área interna, e que correspondem aos tipos 1Aa (fig. 29 – n.º 112, 113, 115, 116, 117) e 1Ab (fig. 29 – n.º 111, 122) da Rua dos Correiros (Sousa, 2014). Um outro fragmento, de bordo assinalado no exterior, enquadra-se com facilidade no tipo 1Ac (fig. 29 – n.º 121). Destaca-se também, neste grupo, uma tigela de

perfil carenado (fig. 29 – n.º 120), permitindo uma aproximação ao tipo 1B do sítio da baixa pombalina.

Os pequenos vasos de cerâmica cinzenta, destinados ao consumo de líquidos, estão representados por duas formas distintas. A primeira, mais antiga, corresponde a um pequeno pote de corpo globular (fig. 29 – n.º 125B) típico dos horizontes artefactuais da segunda metade do século VI a.C. (Arruda, 1999-2000; Arruda *et al.*, 2000; Sousa, 2016). A segunda, com um colo mais pronunciado, é mais característica da segunda metade do 1º milénio (fig. 29 – n.º 125A), integrando-se no tipo 3Ba da Rua dos Correeiros (Sousa, 2014).

No conjunto de cerâmica cinzenta identificou-se ainda um fragmento de bordo de diâmetro relativamente amplo (fig. 29 – n.º 124), possivelmente integrável no tipo 4Aa, uma forma característica da segunda metade do 1º milénio no Baixo Tejo (Sousa, 2014).

Alguns fragmentos de fundo, de base aplanada ou convexa, surgem também neste conjunto, pertencendo, muito provavelmente, às tigelas anteriormente referidas. Destaca-se ainda um outro fragmento de fundo com pé anelar, que poderá eventualmente remeter para horizontes cronológicos mais tardios. Por último, deve ainda assinalar-se um fragmento da parte superior e do arranque do colo de um vaso fechado, que muito provavelmente corresponde a um jarro. Estas morfologias são comuns na região do Baixo Tejo desde os meados do 1º milénio a.C., podendo atingir também a fase republicana (Pimenta *et al.*, 2005). O diâmetro reduzido do colo é um elemento que poderá indicar que se trata de uma morfologia mais tardia, uma vez que os protótipos conhecidos durante a fase pré-romana apresentam, regra geral, uma maior amplitude (Cardoso *et al.*, 2014; Sousa, 2014). O fragmento de asa de cerâmica cinzenta poderá também corresponder a esta mesma forma.

Cerâmica comum e pintada

O grupo constituído pela cerâmica comum e pintada é numeroso. As formas abertas são, contudo, consideravelmente escassas, englobando apenas um fragmento de bordo (fig. 29 – n.º 114) de uma tigela do tipo 1Ab da Rua dos Correeiros (Sousa, 2014) e um fragmento de fundo de base plana, provavelmente pertencente também a esta morfologia.

As formas fechadas são muito mais frequentes, ainda que correspondam, na sua maioria, a recipientes destinados ao armazenamento. Com efeito, muitos dos fragmentos recuperados integram-se ainda nas morfologias típicas da fase orientalizante. Correspondem a *pithoi*, alguns dos quais conservando ainda as respectivas asas de secção bífida, que apresentam colos rectos (fig. 27 – n.º 91; fig. 28 – n.º 100, 101, 102), mas, sobretudo, de perfil curvilíneo (fig. 29 – n.º 123; fig. 27 – n.º 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98; fig. 28 – n.º 103, 104, 105, 106). Relativamente a estes últimos, deve ainda referir-se que alguns exemplares (fig. 27 – n.º 94, 97, 98; fig. 28 – n.º 103, 104 e 106) apresentam um perfil de bordo que se aproxima das variantes mais evolucionadas deste tipo de recipiente, e que se documentam em contextos de meados do 1º milénio a.C. na Rua dos Correeiros, onde foram classificadas de acordo com os tipos 10B e 10C (Sousa, 2014). Vários dos fragmentos de asas bífidas recolhidos no sítio pertencem, provavelmente, também a *pithoi* do período orientalizante.

Outras morfologias, com colos mais curtos e estrangulados, são já claramente integráveis nos tipos 10Aa (fig. 28 – n.º 107, 108 e 109) e 10Bb (fig. 28 – n.º 99) definidos para o sítio da Baixa Pombalina (Sousa, 2014). Relativamente aos primeiros, cabe ainda referir que um destes exemplares (fig. 28 – n.º 107) apresenta a pasta escassamente depurada, uma característica recorrente nesta morfologia que parece relacionar-se directamente com a sua função para a confecção de alimentos (Sousa, 2014).

Por último, resta referir um fragmento de produção aparentemente local, apresentando um bordo de perfil evertido, com uma canelura bem marcada na zona inferior do colo (fig. 28 – n.º 110), e que poderá corresponder a um recipiente de armazenamento ou cozinha. Não encontramos paralelos claros para esta forma nos conjuntos artefactuais sidéricos da região, o que poderá indicar que se trata de uma forma mais tardia.

O conjunto de cerâmica comum da Eira da Alorna raramente apresenta vestígios de decoração pintada, um elemento muito característico do repertório artefactual sidérico do Baixo Tejo, ainda que tal se deva, muito provavelmente, a factores pós-deposicionais. [Figs 27-31](#)

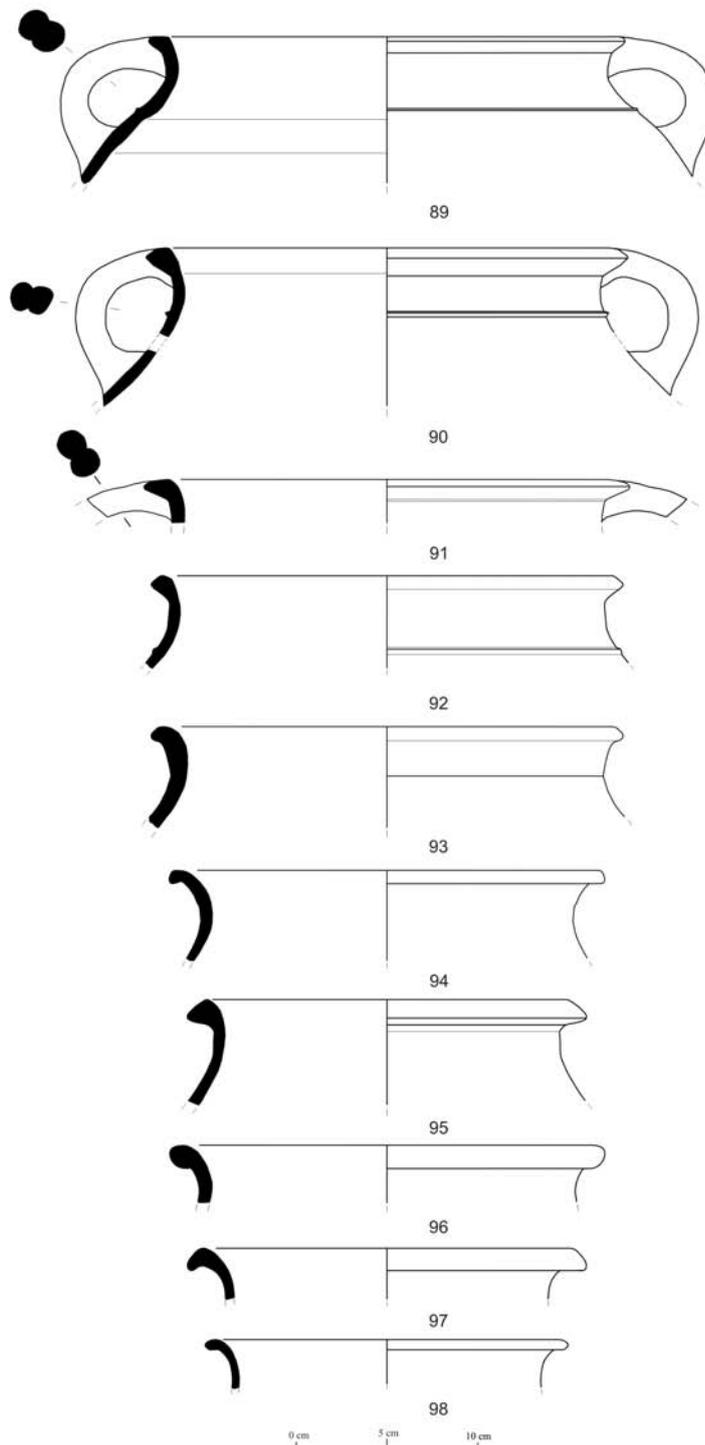


Figura 27
Contentores de
armazenamento
da Idade do Ferro.
Desenhos de
João Pimenta.

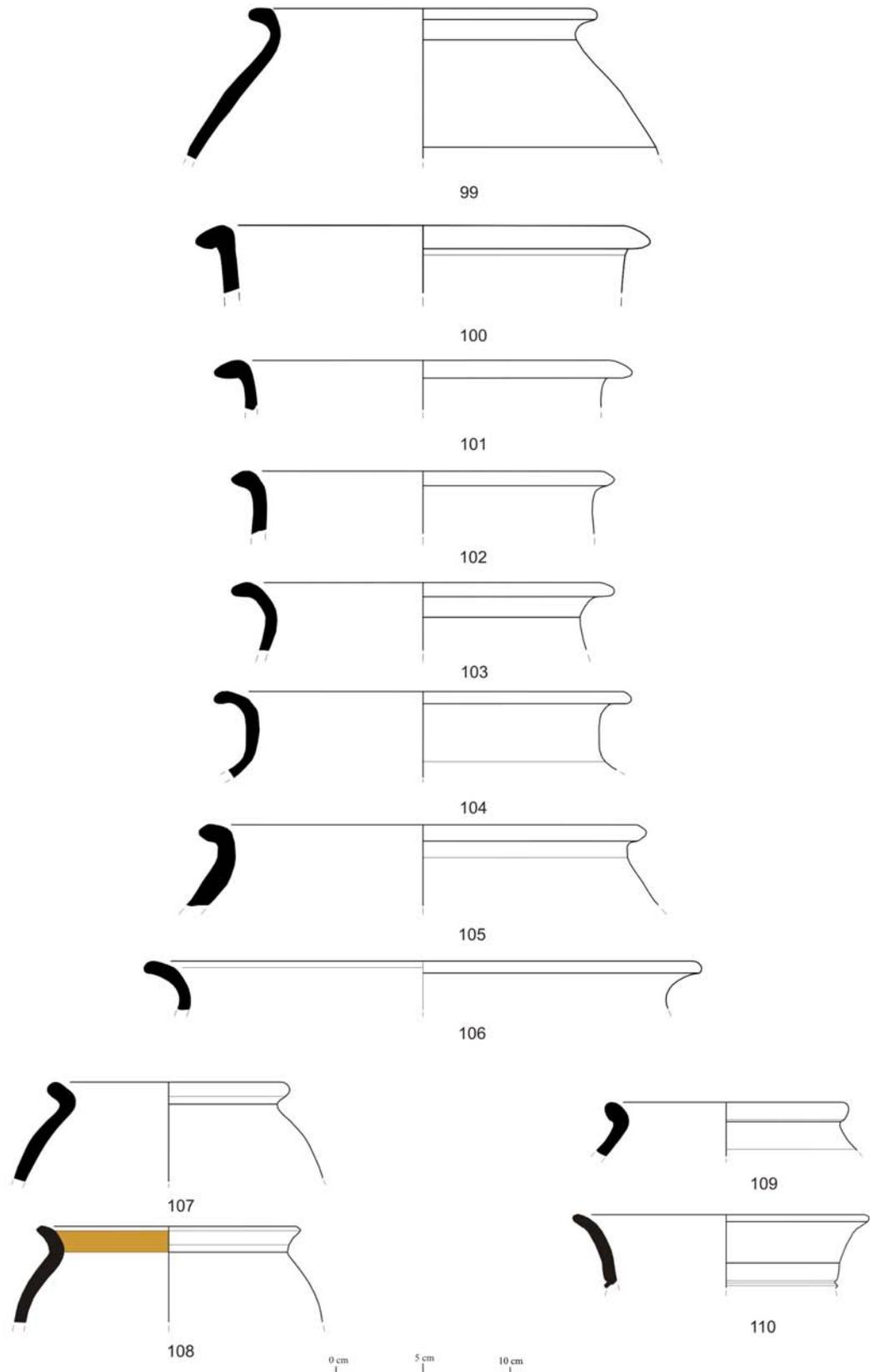


Figura 28
Contentores de
armazenamento
da Idade do Ferro.
Desenhos de
João Pimenta.

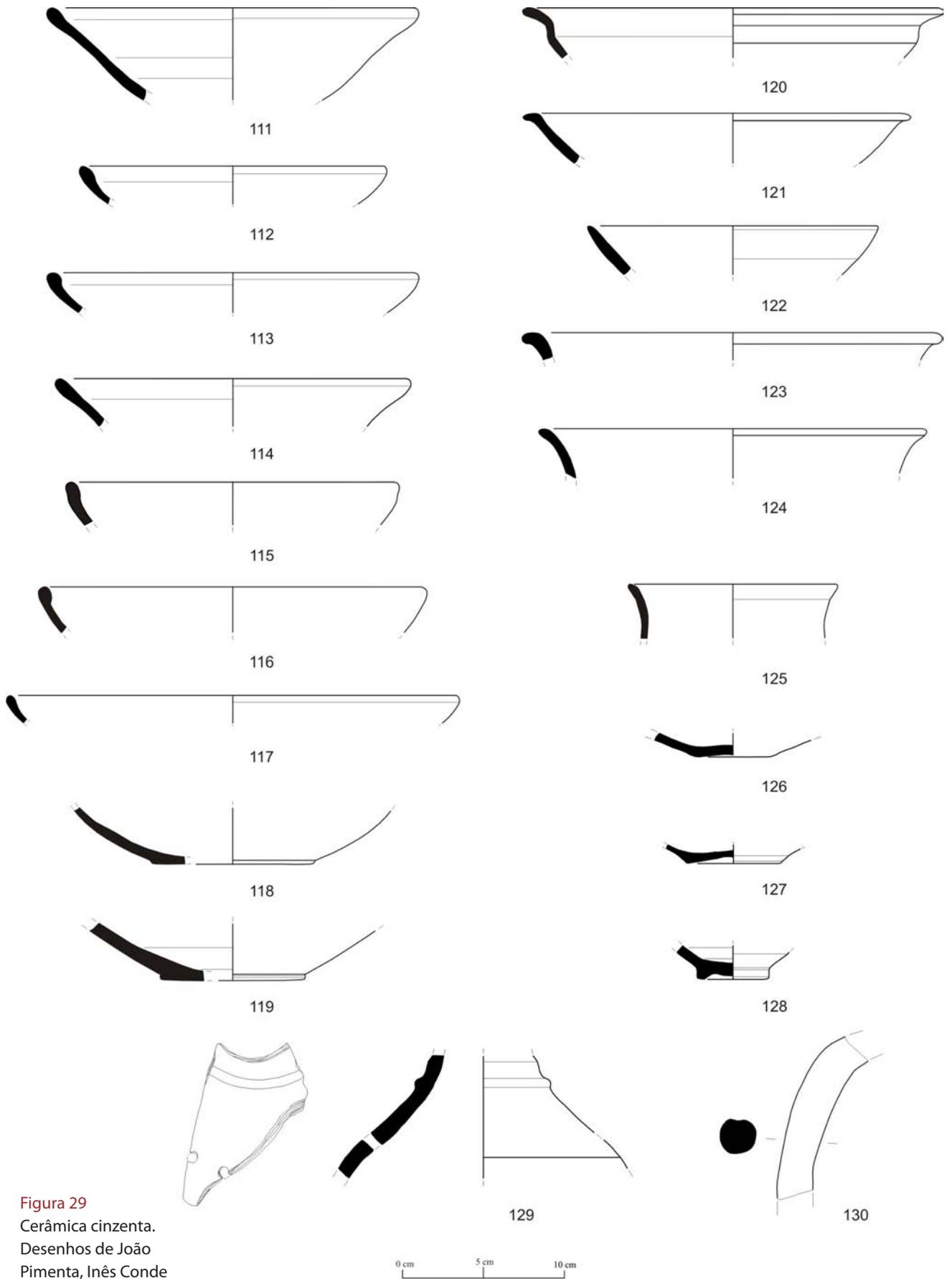


Figura 29
Cerâmica cinzenta.
Desenhos de João
Pimenta, Inês Conde
e Elisa de Sousa.

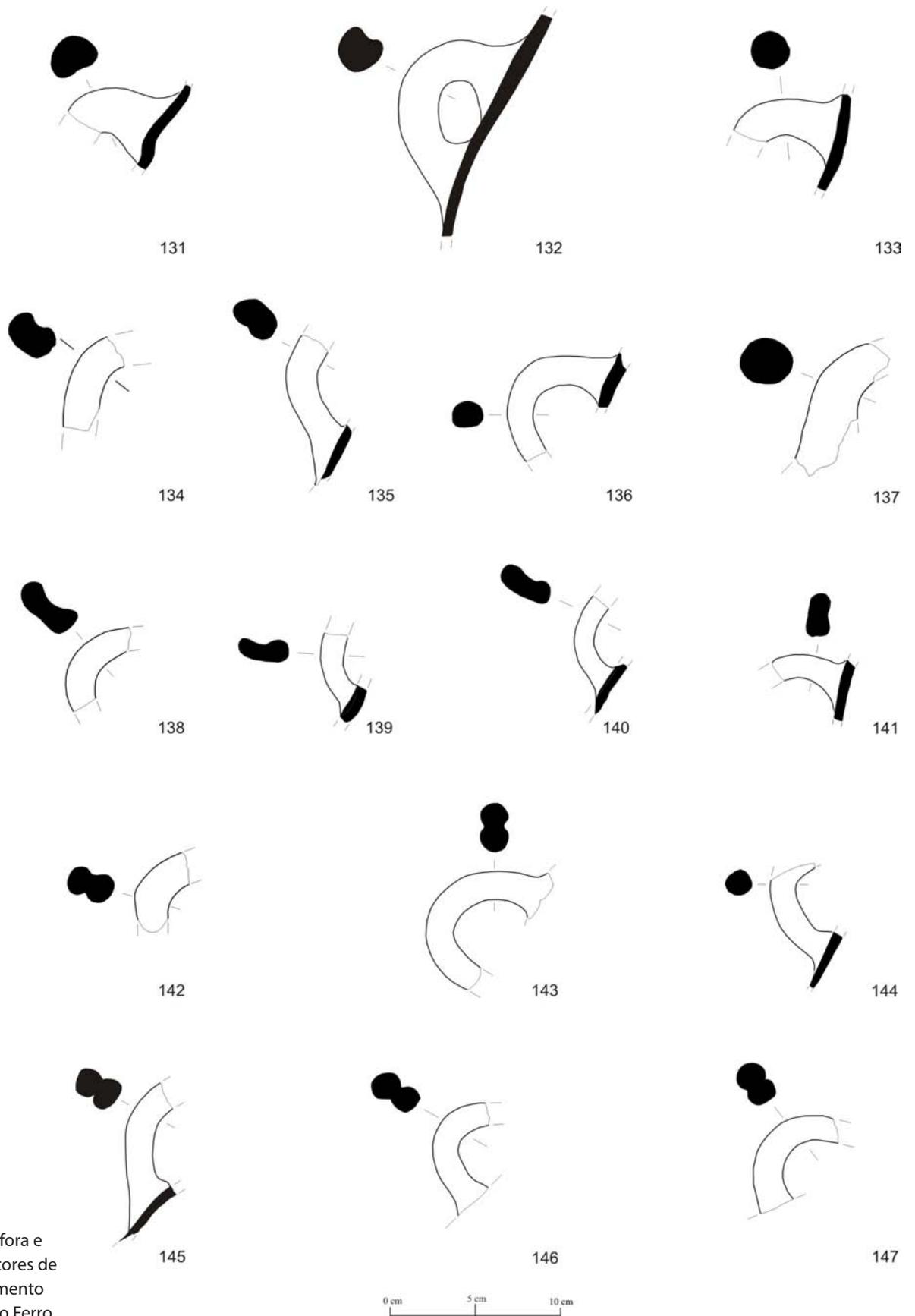


Figura 30
 Asas de ânfora e
 de contentores de
 armazenamento
 da Idade do Ferro.
 Desenhos de
 João Pimenta.

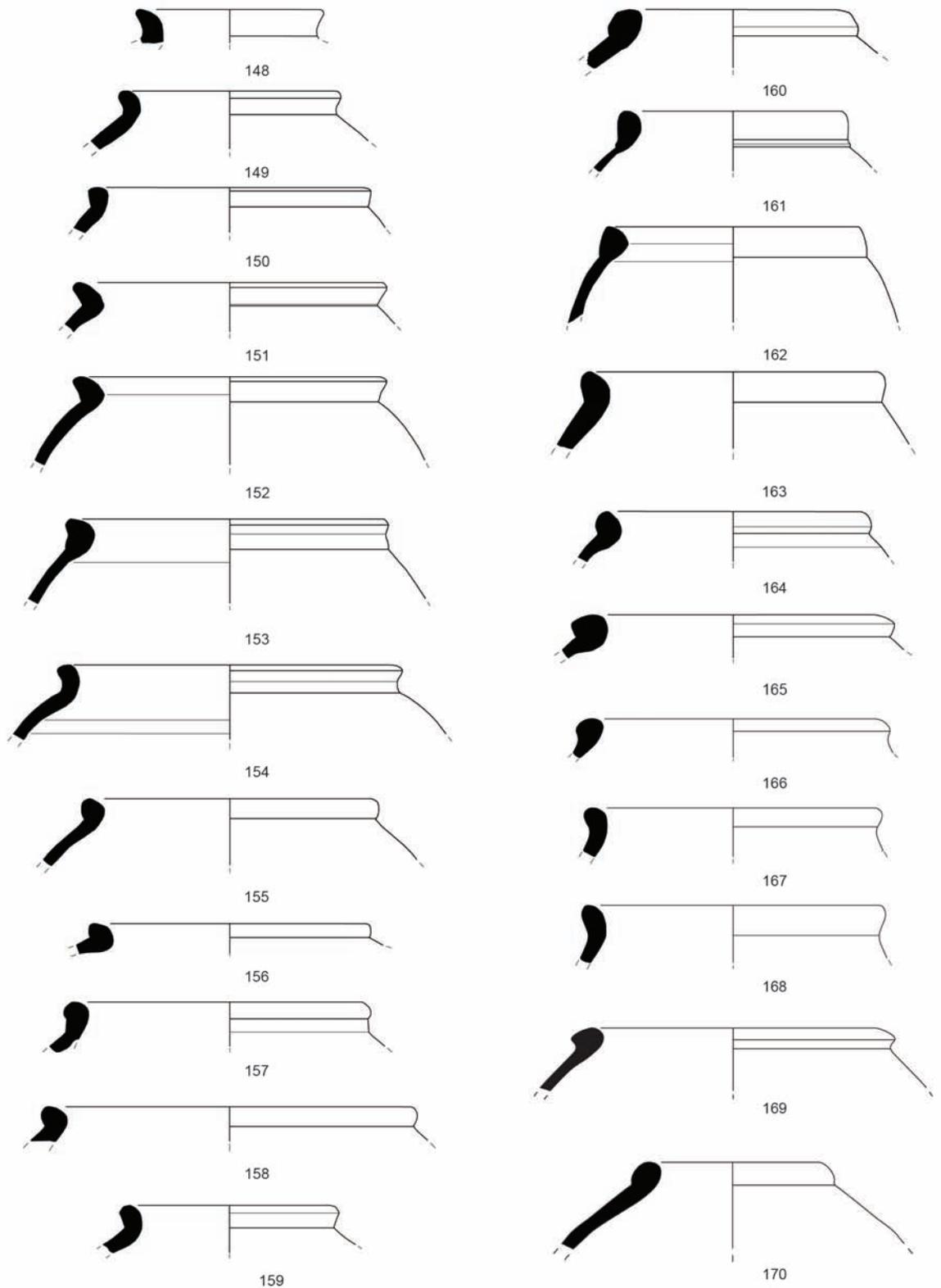


Figura 31
 Fragmentos de bocais
 de ânfora da Idade
 do Ferro. Desenhos
 de João Pimenta,
 Inês Conde e Elisa de
 Sousa.

Comentário geral ao espólio da Idade do Ferro

Os materiais da Idade do Ferro recolhidos na Eira da Alorna integram-se, cronologicamente, entre os séculos VII e V a.C., não se podendo excluir, contudo, a possibilidade de este limite inferior se poder estender até uma fase ainda mais tardia. Com efeito, a inexistência de informação contextual dificulta um enquadramento cronológico mais específico, considerando que muitas das formas representadas são produzidas de forma praticamente ininterrupta ao longo de grande parte do 1º milénio a.C. Contudo, a sua representatividade pode proporcionar algumas indicações relevantes para uma determinação de uma datação mais apertada da ocupação deste sítio durante a Idade do Ferro.

No conjunto anfórico, constata-se uma forte presença de contentores do tipo 1 do estuário do Tejo, uma tendência que parece indicar uma notável importância deste sítio durante o chamado “período orientalizante”. Com efeito, as morfologias atestadas, não só deste tipo em concreto, mas também do 3 (Sousa e Pimenta, 2014), poderiam indicar uma dinâmica comercial importante, sobretudo durante o século VI a.C. Contudo, a presença de um exemplar morfológicamente semelhante ao tipo 10.1.2.1 de Ramon Torres pode indicar que esta importância poderá remontar ainda para a centúria anterior. Também alguns dos fragmentos de bordo de *pithoi*, de bordo bem assinalado no exterior e colo recto e vertical, podem sugerir alguma antiguidade.

Os momentos mais tardios, já seguramente enquadráveis a partir dos meados do 1º milénio a.C., encontram-se um pouco menos bem documentados. Com efeito, as ânforas típicas deste período (tipos 4 e 5 do estuário do Tejo) são bastante mais escassas face às restantes morfologias, ainda que se deva reconhecer que algumas variantes dos tipos 1 e 3 continuam a ser produzidas, em quantidades muito significativas, durante esta fase mais tardia. Na cerâmica comum, formas evoluídas dos contentores de armazenamento, que encontram os seus paralelos mais próximos da tipologia estabelecida para a Rua dos Correeiros, datada entre o século V e os inícios do século IV a.C. (Sousa, 2014), estão relativamente bem documentadas no conjunto, mostrando que o sítio não perde a sua importância ao longo desta fase pré-romana.

Infelizmente, as categorias típicas do serviço de mesa, que poderiam auxiliar na determinação de balizas cronológicas mais específicas, são pouco diversificadas. A cerâmica de engobe vermelho não consta deste conjunto, e a cerâmica cinzenta é constituída maioritariamente por tigelas de perfil hemisférico ou paredes oblíquas, que são transversais a praticamente toda a Idade do Ferro e que chegam, inclusivamente, ao período romano. Cabe apenas destacar, neste último grupo, um fragmento de um pequeno pote de corpo globular que surge sistematicamente em contextos bem datados da segunda metade do século VI a.C. (Arruda, 1999-2000; Arruda *et al.*, 2000; Sousa, 2014), e de vasos do tipo 3Ba e 4Aa da Rua dos Correeiros, típicos da segunda metade do 1º milénio a.C. (Sousa, 2014), cronologia que é, aliás, coerente com os dados obtidos da análise das restantes categorias cerâmicas recolhidas no sítio.

Por último, cabe destacar a grande expressividade das produções que se admite terem uma origem na foz do estuário, possivelmente na área de Lisboa / Almaraz, sendo as produções macroscopicamente associáveis a uma origem local pouco representativas. Trata-se de uma realidade recorrente nos conjuntos artefactuais conhecidos para as zonas interiores do estuário do Tejo (Arruda *et al.*, 2014; 2017; Pimenta *et al.*, 2014a; Sousa *et al.*, 2016; Sousa, 2017), ficando, uma vez mais, comprovada também no sítio da Eira da Alorna. Sobre a inexistência de produtos importados de regiões mais longínquas, concretamente do sul do território peninsular, deve também assinalar-se que se trata de ocorrências relativamente raras em todo

o sul da Península de Lisboa, com a exceção dos grandes núcleos de povoamento, como é o caso de Lisboa, Almaraz e da Alcáçova de Santarém.

5. Outros materiais e outras cronologias

Como já se referiu na Introdução, a Eira da Alorna não foi abandonada no final da Idade do Ferro, sendo assinável a ocupação romano republicana que está consubstanciada num numeroso conjunto de materiais, entre os quais se destaca o pequeno entesouramento Sertoriano já publicado (Pimenta *et al.*, 2014b), que se encontra depositado no Museu de Almeirim. As restantes peças de esta cronologia serão estudadas num outro contexto e, assim, divulgadas num outro local. *Figs 31-32*



Figura 31

Localização dos sítios do Bronze Final em torno do sítio de Eira da Alorna. Mapa produzido a partir da folha n.º 31A Santarém, da Carta Geológica de Portugal 1:50.000, colocando a azul as linhas de água e os terrenos de aluvião e presumivelmente alagáveis pelas periódicas cheias do Tejo: N.º 1 – Alcáçova de Santarém; N.º 2 – Morro de São Bento (Machado); N.º 3 - Almoester; N.º 4 – Quinta da Aramenha; N.º 5 – Necrópole do Tanchoal; N.º 6 – Povoado de Alto do Castelo; N.º 7 – Necrópole do Meijão; N.º 8 – Necrópole do Cabeço da Bruxa; N.º 9 – Alto dos Cacos; N.º 10 – Necrópole do Arneiro do Fidalgo; N.º 11 – Eira da Alorna; N.º 12 – Azeitada; N.º 13 - Vale de Tijolos; N.º 14 – Cortiçóis.

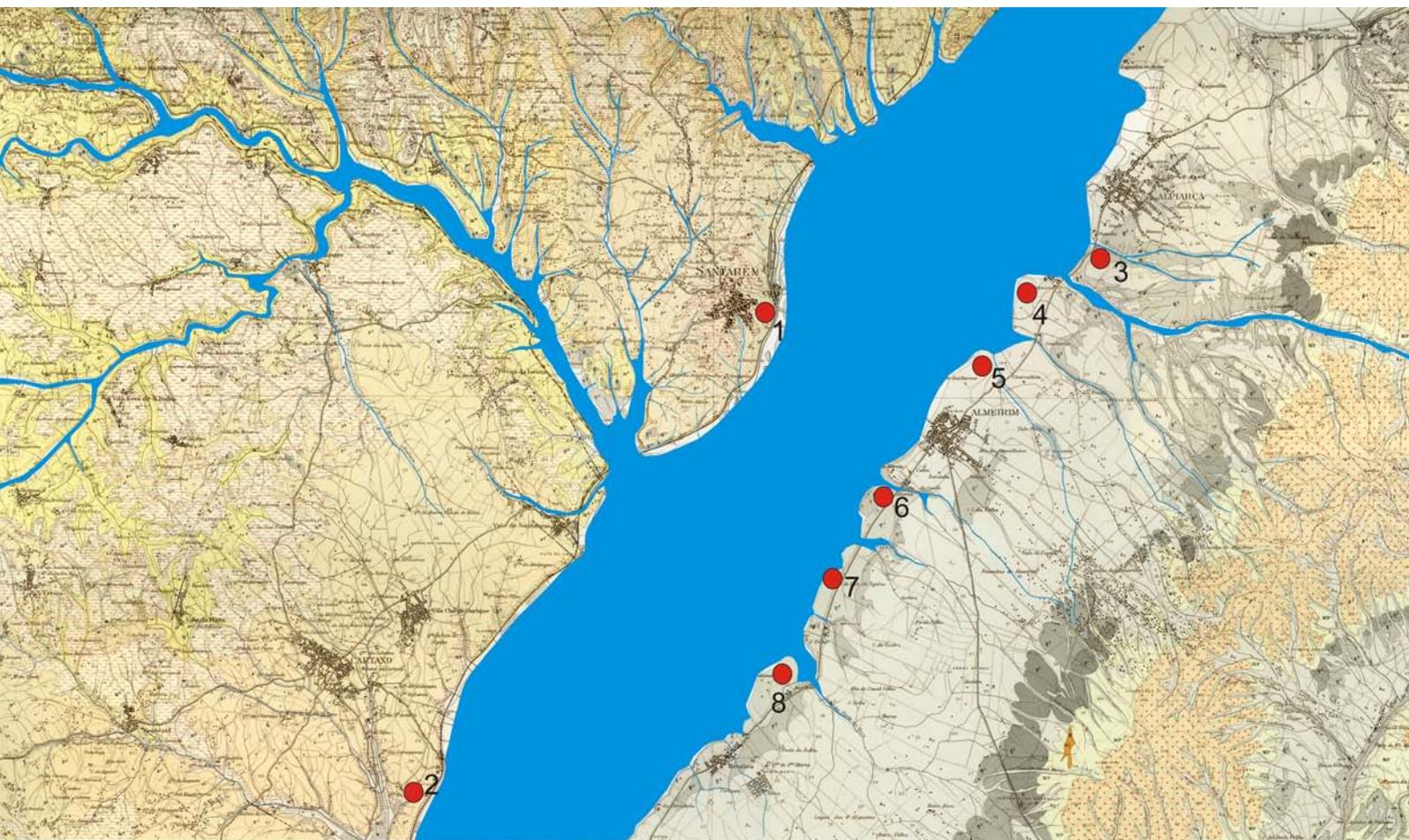


Figura 32

Localização dos sítios da Idade do Ferro em torno da Eira da Alorna. Mapa produzido a partir da folha n.º 31A Santarém, da Carta Geológica de Portugal 1:50.000. N.º 1 – Alcáçova de Santarém; N.º 2 – Cabeço Guião; N.º 3 – Alto do Castelo; N.º 4 – Cabeço da Bruxa; N.º 5 – Alto dos Cacos; N.º 6 – Eira da Alorna; N.º 7 – Vale de Tijolos; N.º 8 – Azeitada.

6. Discussão

O estudo dos materiais da Eira da Alorna, em Almeirim, permitiu verificar uma longa diacronia da ocupação deste sítio do vale do Baixo Tejo, que terá decorrido sem sobressaltos e, muito possivelmente, em continuidade.

A instalação de comunidades humanas no local ocorreu num momento tardio do Calcolítico, como a presença de vasos com decoração campaniforme permite defender sem qualquer hesitação. Esta instalação está de acordo com uma estratégia de povoamento que tem paralelos na área onde a Eira da Alorna se implanta, de acordo com um modelo que dá preferência a sítios baixos e ribeirinhos, e em que a relação com o rio é muito especialmente privilegiada. Será nesta época que se terá iniciado a construção de uma rede de povoamento particularmente densa, que se estende desde a antiga confluência do Tejo com o Sorraia, em Salvaterra de Magos até, pelo menos, Almeirim. Os sítios sucedem-se no terreno junto à margem do rio, ou das ribeiras subsidiárias, em alguns casos quase sem interrupção, parecendo que terão funcionado “em rede”, estabelecendo entre si relações que podemos considerar de coordenação.

Os vestígios do Bronze Médio são muito escassos em qualquer desses sítios, apesar de termos podido considerar a sua existência através, justamente, de alguns materiais recuperados na Eira da Alorna. O facto de este período ser dificilmente caracterizável através de quaisquer materiais que possam ser considerados “fósseis directores” poderá talvez explicar esta ausência, tão difícil de interpretar. A hipótese que avançamos neste trabalho, que terá de ser comprovada neste ou em outros sítios, poderá completar um quadro que parece muito coerente no que se refere à ocupação humana da margem esquerda do Baixo Tejo ao longo dos dois milénios que antecedem a mudança da Era.

A realidade que observámos no Calcolítico Final é particularmente visível durante o final da Idade do Bronze, quando a referida rede parece ter-se desenvolvido exponencialmente, com a Eira da Alorna a destacar-se também pela quantidade de materiais que foram recolhidos e que pudemos estudar neste trabalho. E, no mesmo sentido, se podem interpretar os dados referentes à Idade do Ferro, igualmente abundantes e significativos. Deve, contudo, chamar-se a atenção para os novos elementos aduzidos a esta mesma realidade neste momento, e que podem traduzir uma outra estrutura de funcionamento. Falamos, neste caso concreto, das ocupações em áreas destacadas na paisagem, em povoados aparentemente fortificados, concretamente do Alto do Castelo, em Alpiarça, sítio habitado, como se sabe, quer no Bronze Final (Kalb e Höck, 1982) quer na Idade do Ferro (Arruda *et al.*, 2014), e onde a cultura material de ambos os períodos é absolutamente paralelizável à da Eira da Alorna, como também à do Alto dos Cacos, do Porto de Sabugueiro ou do Cabeço da Bruxa. Merecendo destaque pela própria implantação topográfica e altimétrica, mas também pela dimensão da área ocupada, pode ter tido papel importante na coordenação da trama de povoados identificados nas suas imediações, mas mais próximos do rio, em modalidades que, contudo, não podemos ainda identificar devidamente.

A chegada de fenícios ao Baixo Tejo em torno ao início do século VIII a.n.e. não alterou pois significativamente as realidades pré-existentes nesta área restrita e ribeirinha da margem esquerda do rio, que parecem permanecer constantes e quase imutáveis a partir da segunda metade do terceiro milénio ao contrário do que se verificou no Alto Ribatejo e nas regiões interiores a ocidente do rio, como houve já oportunidade de evidenciar em outros trabalhos (Arruda, 2017; Arruda *et al.*, 2017a; Arruda *et al.*, 2017b).

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, S. (2014) – Estilos e tendências na cerâmica de ornatos brunidos do sudoeste peninsular. In Vilaça, R.; Serra, M. (Coords), *Idade do Bronze do Sudoeste. Novas perspectivas sobre uma velha problemática*. Coimbra, p. 127-148.
- ANDRADE, M. (2017) – O sítio pré-histórico do Sobral do Martim Afonso (Salvaterra de Magos, Portugal): um curioso contexto do Neolítico Final/Calcolítico na margem esquerda do Baixo Tejo. *Ophiussa* 1, p. 17-49.
- ANDRADE, M.; NEVES, C.; LOPES, G. (2015) – Beyond the Mesolithic shell middens: a chrono-cartographic overview of the ancient peasant communities in Muge. In Bicho, N.; Detry, C.; Price, D.; Cunha, E., (eds.), *Muge 150th: The 150th Anniversary of the Discovery of the Mesolithic Shellmiddens*. Cambridge: 2, p. 29-44.
- ARRUDA, A. M. (1999-2000) - *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea 5-6. Barcelona.
- ARRUDA, A. M. (2017) – A Idade do Ferro Orientalizante no Vale do Tejo: as duas margens de um mesmo

- rio. In Celestino Pérez, S. e Rodríguez González, E. (eds.), *Territorios comparados: los vales del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartésica*. Madrid: CSIC, p. 283-294.
- ARRUDA, A. M.; FREITAS, V.; VALLEJO SÁNCHEZ, J. (2000) - As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 3-2, p. 25-59.
- ARRUDA, A. M.; SOUSA, E.; PIMENTA, J.; MENDES, H.; SOARES, R. (2014) - Alto do Castelo's Iron Age occupation (Alpiarça, Portugal). *Zephyrus* 74, p. 143-155.
- ARRUDA, A. M.; SOUSA, E. (2015) - Late Bronze Age in Alcáçova de Santarém (Portugal). *Trabajos de Prahistoria* 72-1, p. 176-187.
- ARRUDA, A. M.; SOUSA, E.; BARRADAS, E.; BATATA, C.; DETRY, C.; SOARES, R. (2017a) - O Cabeço Guião (Cartaxo - Portugal): um sítio da Idade do Ferro do Vale do Tejo. In Celestino Pérez, S. e Rodríguez González, E. (eds.), *Territorios comparados: los vales del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartésica*. Madrid, CSIC, p. 319-361.
- ARRUDA, A. M.; SOUSA, E.; PIMENTA, J.; SOARES, R.; MENDES, H. (2017b): Phéniciens et Indigènes en contact à l'embouchure du Tage, Portugal. *Folia Phoenicia*. Pisa / Roma, 1, p. 243-251.
- CARDOSO, J. L. (1997-1998) - O povoado do Bronze Final do Castelo dos Mouros. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 7, p. 169-177.
- CARDOSO, J. L. (2003): A gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 11, p. 229-321.
- CARDOSO, J. L. (2010-2011) - O casal agrícola do Bronze Final de Abrunheiro (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 18, p. 33-74.
- CARDOSO, J. L. (2013) - Moita da Ladra 2 (Vila Franca de Xira), um sítio ritual do Bronze Final da região de Lisboa. *Ciências e Técnicas do Património* 12 49-67.
- CARDOSO, J. L.; ROQUE, J.; PEIXOTO, F.; FREITAS, F. (1980-1981) - Descoberta de jazida da Idade do Bronze da Tapada da Ajuda. *Setúbal Arqueológica* 6-7, p. 117-147.
- CARDOSO, J. L.; GUERRA, M. F.; GIL, F. B. (1992) - O depósito do Bronze Final de Alqueva e a tipologia das lanças do Bronze Final português. *Mediterrâneo*. 1, p. 231-250.
- CARDOSO, J. L.; SILVA, I. M. (2004) - O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7 (1), p. 227-271.
- CARDOSO, J. L.; ARRUDA, A. M.; SOUSA, E.; REGO, M. (2014) - Outorela I e Outorela II, dois pequenos sítios da Idade do Ferro a norte do Estuário do Tejo (concelho de Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 21, p. 393-428.
- COFFYN, A. (1983) - La fin de l'Âge du Bronze dans le centre-Portugal. *O Arqueólogo Português*. Série IV. N.º 1, p. 169-196.
- COFFYN, A. (1985) - *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Paris: Diffusion de Boccard.
- DIAS, I. (2017) - *O Bronze Final na Serra do Socorro (Mafra, Torres Vedras)*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C.; ANDRADE, M. (2017) - O Barranco do Farinheiro (Coruche) e a presença campaniforme na margem esquerda do baixo Tejo. In Gonçalves, V. S. (Ed.), *Sinos e Taças. Junto ao oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. Lisboa, p. 98-125.
- HARRISON, R. J. (1977) - *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*. Cambridge.
- HENRIQUES, E. (1982) - *Elementos para a Carta Arqueológica do Concelho de Almeirim*. Almeirim. Texto manuscrito. 19/12/82. Processo 82/1 (242) DGPC.
- HENRIQUES, E. (1987) - *Levantamento Arqueológico do Concelho de Almeirim*. Almeirim. Processo 82/1 (242) DGPC.
- JOVER, F. J.; LOPEZ, J. A. (2013) - La producción textil durante la Edad del Bronce em el cuadrante suroriental de la península Ibérica: materias primas, productos, instrumentos y procesos de trabajo. *Zephyrus*. 71, p. 149-171.
- KALB, P.; HÖCK, M. (1981-82) - Cabeço da Bruxa, Alpiarça (Distrito de Santarém). Relatório preliminar das escavações de Janeiro e Fevereiro de 1979. *Portugália* 2-3, p. 61-69.
- KALB, P.; HÖCK, M. (1982) - Alto do Castelo, Alpiarça, Distrikt Santarém. Vorbericht über die grabung 1981. *Madriider Mitteilungen* 23, p. 145-151.
- KALB, P.; HÖCK, M. (1985) - *Cerâmica de Alpiarça. Exposição permanente na Galeria dos Patudos*. Câmara Municipal de Alpiarça. Casa Museu dos Patudos em colaboração com o Instituto Arqueológico Alemão de Lisboa.
- MARQUES, G.; ANDRADE, G. M. (1974) - Aspectos da proto-história do território português 1 - definição e distribuição geográfica da cultura de Alpiarça (Idade do Ferro) *In Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*. Porto, p. 125-148.

- MATALOTO, R. (2013) - Do vale à montanha, da montanha ao monte: a ocupação do final da Idade do Bronze no Alentejo Central. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 20, p. 221-272.
- MATIAS, H.; ANDRADE, M.; COSTA, C.; SAMPAIO, H.; SIMÃO, I.; SOARES, A. M.; SOARES, R. M.; MONTEIRO, P. (2017) - O sítio de fossas da Horta do Cabral 6. Contribuição para o conhecimento da Idade do Bronze na região do Torrão (Alcácer do Sal, Portugal). In *Arqueologia em Portugal: estado da questão*. Lisboa, p. 849-864.
- MONTEIRO, M.; PEREIRA, A. (2013) – Um depósito votivo da Idade do Bronze na Moita da Ladra (Vila Franca de Xira): Síntese dos trabalhos realizados e resultados preliminares. *Cira – Arqueologia* 2, p. 63-94.
- MELO, A. (2000) – Armas, utensílios e esconderijos. Alguns aspectos da metalurgia do Bronze Final: o depósito do Casal dos Fiéis de Deus. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 3-1, p. 15-120.
- OLAIO, A. (2015) - Ânforas da Idade do Ferro na Quinta do Almaraz (Almada). Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- PIMENTA, J.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2005): Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. As ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 8-2, p. 313–334.
- PIMENTA, J.; HENRIQUES, E.; MENDES, H. (2012) – *O Acampamento romano de Alto dos Cacos – Almeirim*. Associação de Defesa do património Histórico e Cultural do Concelho de Almeirim.
- PIMENTA, J.; MENDES, H.; ARRUDA, A. M.; SOUSA, E.; SOARES, R. (2014a) – Do pré-romano ao Império: a ocupação humana do Porto do Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos). *Magos. Revista Cultural do Concelho de Salvaterra de Magos*. Salvaterra de Magos, 1, p. 39-58.
- PIMENTA, J., MENDES, H.; HENRIQUES, E. (2014b) - O Acampamento militar romano do Alto dos Cacos, Almeirim. *Atas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo (Vila Franca de Xira, 2013)*. *Cira Arqueologia* 3, p. 256-292.
- PONCE, M. (2013) - *O Bronze Final na Península de Lisboa. O caso do Cabeço de Alcainça na transição entre o 2º e o 1º milénio a.C.* Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- PONTE, T. R. N.; SOARES, A. M.; ARAÚJO, M. F.; FRADE, J. C.; RIBEIRO, I.; RODRIGUES, Z.; SILVA, R. J.; VALÉRIO, P. (2012) – O Bronze Pleno do Sudoeste da Horta do Folgão (Serpa, Portugal). Os Hipogeus Funerários. *O Arqueólogo Português* V-2, p. 265-295.
- QUINTEIRA, A. J. F. (1996) – *Scallabis, análise contextual e perspectivas de estudo*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho. Policopiado.
- SANTOS, F.; AREZ, L.; SOARES, A. M.; DEUS, M.; QUEIROZ, P.; VALÉRIO, P.; RODRIGUES, Z.; ANTUNES, A. S.; ARAUJO, M. F. (2008) - O Casarão da Mesquita 3 (S. Manços, Évora): um sítio de fossas “silo” do Bronze Pleno/Final na Encosta do albardão. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 11-2, p. 55-86.
- SCHUBART, H. (1971) – Acerca de la cerámica del Bronce Tardío en el sur y oeste peninsular. *Trabajos de Prehistoria*. 28, p. 153-182.
- SILVA, R. B. (2013) - A ocupação da Idade do Bronze Final da Praça da Figueira (Lisboa): novos e velhos dados sobre os antecedentes da cidade de Lisboa. *Cira – Arqueologia* 2, p. 40-102.
- SOARES, A. M. (2000) –Necrópole do Bronze do Sudoeste dos Bugalhos (Serpa). *Vipasca* 9, p. 47-52.
- SOARES, A. M.; SANTOS, F. J.; DEWULF, J.; DEUS, M.; ANTUNES, A. S. (2009): Práticas rituais no Bronze do Sudoeste – alguns dados. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 17, p. 433-456.
- SOARES, A. M.; ARAÚJO, M. F.; VALÉRIO, P.; PIMENTA, J. (2015) – Composição elementar de artefactos metálicos de Vale de Tijolos e da Eira da Alorna (Almeirim): a metalurgia do Bronze Final no território nacional. *Cira – Arqueologia* 4, p. 11-18.
- SOUSA, E. (2014) - *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo*, Lisboa. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- SOUSA, E. (2016) - A Idade do Ferro em Lisboa: uma primeira aproximação a um faseamento cronológico e à evolução da cultura material. *CuPAUAM* 42, p. 167-185.
- SOUSA, E. (2017) – Percorrendo o Baixo Tejo: Regionalização e Identidades Culturais na 2ª metade do 1º milénio a.C. In Celestino Pérez, S. e Rodríguez González, E. (eds.), *Territorios comparados: los vales del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartésica*. Madrid: CSIC, p. 295-318.
- SOUSA, E.; PIMENTA, J. (2014) - A produção de ânforas no Estuário do Tejo durante a Idade do Ferro. In Morais, R.; Fernández, A.; Sousa, M. J. (eds), *As Produções Cerâmicas de Imitação na Hispânia*. Porto, vol. 1, p. 303- 316.
- SOUSA, E.; ARRUDA, A. M. (no prelo) – A Idade do Ferro na Alcáçova de Santarém (Portugal): os resultados da campanha de 2001.

- SOUSA, E.; PIMENTA, J.; MENDES, H.; ARRUDA, A. M. (2016) – A ocupação Proto-Histórica do Alto dos Cacos (Almeirim, Portugal). *Cira – Arqueologia* 5, p. 9-32.
- VILAÇA, R.; CRUZ, D. J.; GONÇALVES, A.A. HUET B. (1999) – A Necrópole de Tanchoal dos Patudos (Alpiarça, Santarém). *Conimbriga* 38, p. 5-29.
- VILAÇA, R.; CARDOSO, J. (2017) – O Tejo português durante o Bronze Final. *Anejos de AEspa*. LXXX. *Territorios comparados: los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en epoca tartesica*. Mérida, p. 237-281.